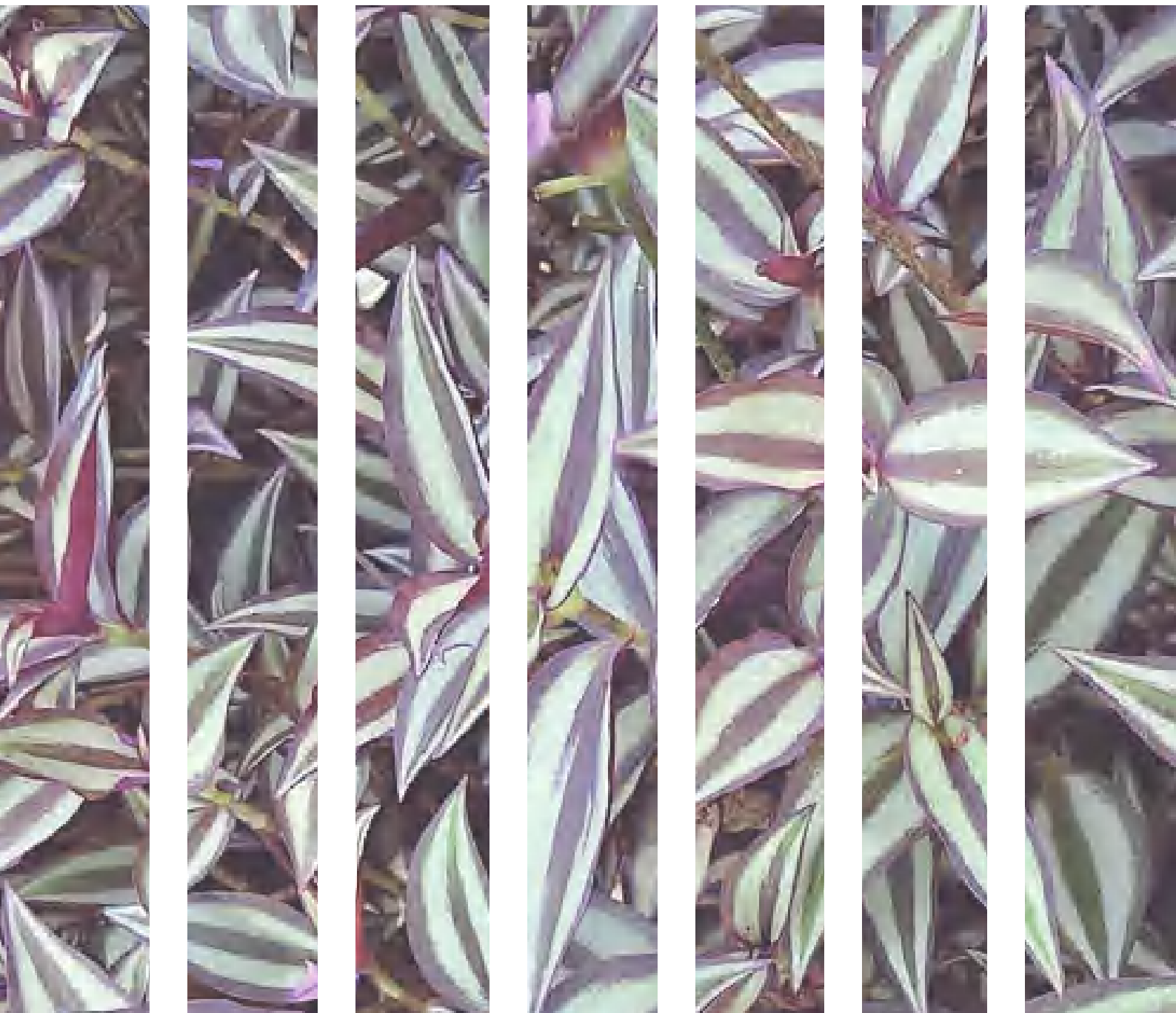
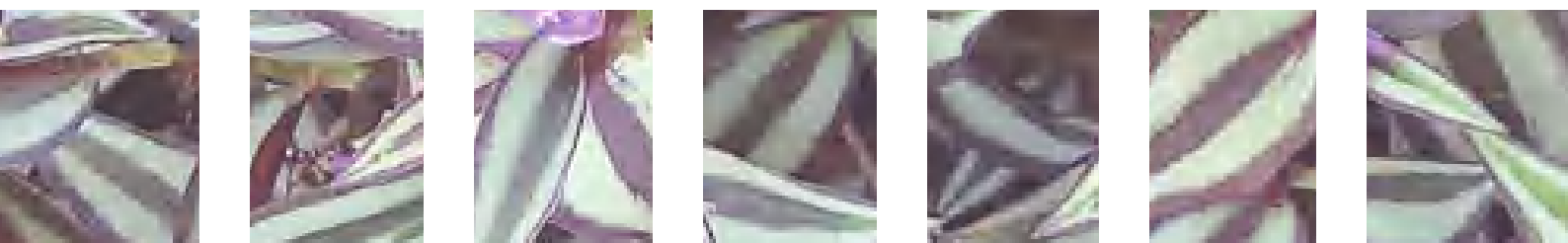


PRAÇA DA GUABIRABA



PROPOSTA DE ESPAÇO LIVRE PÚBLICO
PARA A COMUNIDADE JURACY PALHANO





UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIAS E RECURSOS NATURAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Praça da Guabiraba:
Proposta de Espaço Livre Público para a comunidade Juracy Palhano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientação: Prof. Dra. Miriam Panet

Campina Grande
2019



ctrn
Centro de Tecnologia e Recursos Naturais



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CAUUFPG

Trabalho de Conclusão de Curso “Praça da Guabiraba: Proposta de espaço livre público para a comunidade Juracy Palhano”, apresentado por **FELIPE SILVA ARAÚJO**, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: 04 de julho de 2019

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr(a). Miriam de Farias Panet
Orientadora - Presidente

Prof.^a Dr(a). Kainara Lira dos Anjos
Examinadora Interna

Prof.^a Me. Karla Azevedo dos Santos
Examinadora Externa

AGRADECIMENTOS

À força magistral do universo, aquele que criou tudo e todos, responsável por me fazer continuar a buscar um propósito nessa vida e transcendê-la.

À minha família: Valdez, meu pai, Valdinete, minha mãe e Nayara, minha irmã, por me aguentarem e me apoiarem todo esse tempo.

A Jade, companheira de todas as horas, por me ajudar a ver o melhor de mim, e tentar toda hora alcançá-lo, por me fazer esfriar a cabeça e conseguir ver que os problemas não são tão grandes que não se possa dar conta e por não deixar de me apoiar uma hora sequer.

A Bianca e Dayanne, por me aperrearem ao ponto de me fazerem esquecer dos problemas do curso e da vida. A Wally, Matheus “Cobra” Ramires, Elyson e Ado, Alexandre, Eder Santos e Clarissa. A Letícia e Ary, por me fazerem esquecer o calor de Teresina. E a todos aqueles ao qual o nome me passou despercebido.

Ao corpo docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFCG, e aos demais professores de outras unidades acadêmicas, especialmente ao Professor José Luiz, pela sua paciência e compreensão, e cuja ajuda foi vital para minha formação.

À minha professora orientadora Miriam Panet, por me guiar através da jornada que foi escrever esse trabalho.

Enfim, a todos que fizeram parte da história que construí ao longo desses anos e que me ajudaram, de uma forma ou de outra, a crescer como pessoa.

RESUMO

O bairro Juracy Palhano, na zona rural de Lagoa Seca - PB, sofreu nos últimos anos profundas modificações em sua morfologia devido à construção de condomínios fechados horizontais, que acabaram por suprimir a oferta de áreas de convívio ao ar livre e prática de exercícios aos moradores pré-existentes. O presente trabalho, de estudo preliminar de projeto paisagístico de uma praça, se propõe a oferecer um ambiente vital à manutenção da qualidade de vida do meio urbano/rural. Para o desenvolvimento do estudo preliminar se utilizou da metodologia de Maruyama e Rammé (2014), que diz respeito à estrutura geral do trabalho, e da metodologia projetual de Abbud (2010), que se refere à criação de ferramentas para auxílio na concepção do projeto paisagístico. Essas ferramentas foram usadas de forma a potencializar tanto os aspectos físicos e morfológicos da área quanto para criar composições que, além de funcionais, se mostrassem ricas em termos sensoriais, privilegiando os usuários do espaço no qual estão inseridas.

Palavras chave: Projeto paisagístico, Praça, Espaço Livre Público.

ABSTRACT

The Juracy Palhano neighborhood, in the rural area of Lagoa Seca - PB, has gone through profound changes in its morphology in the last years, due to the construction of horizontal closed condominiums, which ended up suppressing the offer of outdoor living areas and spaces for exercise practices of the pre-existing residents. The present academic work, which is a preliminary study of the landscape design of a square, proposes to offer a vital environment for the maintenance of the life quality in the urban/rural environment. For the development of the preliminary study, the methodology of Maruyama and Rammé (2014) was applied, which concerns the general structure of the work; and Abbud's design methodology (2010), which refers to the creation of tools to support the elaboration of a landscape project. These tools were used in order to enhance both the physical and morphological aspects of the area, and also create compositions that, besides being functional, were also rich in sensory terms, privileging the users that were already inserted in the space.

Key words: Landscape design, Square, Free Public Space.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Características comuns em projetos de linha clássica;
- Figura 2 – Praças românticas brasileiras;
- Figura 3 – Exemplos de praças da linha moderna;
- Figura 4 – Espaço no paisagismo;
- Figura 5 – O uso de palmeira no projeto paisagístico;
- Figura 6 – Passeios com diferentes cores e texturas;
- Figura 7 – Criação de limites através de elementos projetuais;
- Figura 8 – Uso da ferramenta “enquadrar a paisagem”;
- Figura 9 – Jardins da residência Ralph Camargo – Roberto Burle Marx;
- Figura 10 – Diferentes planos de composição em arquitetura paisagística;
- Figura 11 – Tipologias de copas no estrato arbóreo;
- Figura 12 – Red Ribbon;
- Figura 13 – Red Ribbon - Planta Geral;
- Figura 14 – “Bolha” espacial criado pelos elementos do projeto paisagístico;
- Figura 15 – Praça Fonte Nova;
- Figura 16 – Localização da Praça Fonte Nova na cidade de Lisboa;
- Figura 17 – Planta geral Praça Fonte Nova;
- Figura 18 – “Bolha” espacial, Praça Fonte Nova;
- Figura 19 – Partido projetual da praça São Vicente de Paula, MG;
- Figura 20 – Patamares da Praça São Vicente de Paula, MG;
- Figura 21 – Criação de lugares (pergolado e patamares) separados por um “não lugar” (passeio);
- Figura 22 – O aproveitamento da vegetação pré-existente na composição com os espaços;
- Figura 23 – Pergolado da Praça São Vicente de Paula, MG;
- Figura 24 – Planta geral do Parque Central de Koper, Eslovênia;
- Figura 25 – Visão geral Parque Central de Koper;
- Figura 26 – Criação de “ilhas” através de elementos construtivos;
- Figura 27 – Uso da ferramenta “aqui” e “ali”;
- Figura 28 – Localização da cidade de Lagoa Seca no estado da Paraíba;
- Figura 29 – Antigas propriedades hoje pertencentes aos CHFs Atmosphaera Green, Atmosphaera Eco e Giardino Bianco, Lagoa Seca - PB.;
- Figura 30 – Impactos físicos e visuais causados pela construção de condomínios na área;
- Figura 31 – Localização do bairro entre as cidades de Campina Grande e Lagoa Seca;
- Figura 32 – Mapa geral da área de estudo;
- Figura 33 – Mapa de cheios e vazios;
- Figura 34 – Uso e ocupação do solo;
- Figura 35 – Espaços livres públicos.
- Figura 36 – Hierarquia viária.
- Figura 37 – Transporte público.
- Figura 38 – Visão geral do terreno.
- Figura 39 – Aspectos físicos do terreno.
- Figura 40 – Perfis do terreno.
- Figura 41 – Nível superior do terreno

- Figura 42 – Arborização
- Figura 43 – Arborização 2
- Figura 44 – Córrego natural
- Figura 45 – Esgoto a céu aberto
- Figura 46 – Erosão causada pelo escoamento da água pluvial e esgoto
- Figura 47 – Joazeiro
- Figura 48 – Ficus
- Figura 49 – Azeitona Preta
- Figura 50 – Cacau-bravo
- Figura 51 – Aspecto da área de intervenção
- Figura 52 – Zoneamento preliminar
- Figura 53 – Fluxos
- Figura 54 – Zoneamento preliminar
- Figura 55 – Evolução da forma
- Figura 56 – Visão do banco ao longo do projeto
- Figura 57 – Visão da mesa no nível superior da praça
- Figura 58 – Visão da mesa no nível inferior da praça
- Figura 59 – Academia ao ar livre
- Figura 60 – Praça Seca e jardim desértico
- Figura 61 – Praça de xadrez em meio a canteiros com composições variadas.
- Figura 62 – Passeios entre canteiros com diferentes espécies.
- Figura 63 – Jardim temático tropical no nível inferior da praça
- Figura 64 – Composição com Helicônias e Costelas-de-adão
- Figura 65 – Visão geral do nível superior da praça.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Quadro resumo da linha clássica eclética
- Quadro 2 – Quadro resumo da linha romântica eclética
- Quadro 3 – Quadro resumo da linha moderna
- Quadro 4 – Quadro resumo da linha contemporânea
- Quadro 5 – Resumo dos elementos projetuais retirados dos correlatos.
- Quadro 6 – Problemas e potencialidades
- Quadro 7 – Memorial Botânico das espécies identificadas
- Quadro 8 – Ferramentas projetuais e seus usos na concepção do projeto
- Quadro 9 – Conceitos de projeto paisagístico auxiliares.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1 OBJETIVOS

1.2 METODOLOGIA

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PANORAMA HISTÓRICO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

2.1.1 BREVE HISTÓRIA DOS JARDINS PÚBLICOS

2.1.2 BREVE HISTÓRIA DAS PRAÇAS PÚBLICAS NO BRASIL

2.1.3 PRINCIPAIS ESTILOS COMPOSITIVOS DE PRAÇAS NO BRASIL

2.2 FERRAMENTAS PARA PROJETOS PAISAGÍSTICOS

3. ANÁLISE DOS CORRELATOS

- PRAÇA FONTE NOVA – JOSÉ ADRIÃO ARQUITETOS
- RED RIBBON – TURENSCAPE
- PRAÇA SÃO VICENTE DE PAULA -ESTUDIO ARQUITETURA
- PARQUE CENTRAL DE KOPER - ENOTA



4. DIAGNÓSTICO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO
 - 4.1 ASPECTOS URBANÍSTICOS
 - 4.2 ASPECTOS FÍSICOS
 - 4.3 PROBLEMAS E POTENCIALIDADES
 - 4.4 MEMORIAL BOTÂNICO ESPÉCIES EXISTENTES
5. PROJETO PAISAGÍSTICO
 - 5.1 ESTUDO PRELIMINAR
 - 5.2 FERRAMENTAS PROJETUAIS
 - 5.3 ANTEPROJETO
 - 5.4 MEMORIAL DESCRITIVO
6. CONCLUSÃO
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
8. ANEXOS



Os espaços livres públicos sempre tiveram um papel fundamental na manutenção da qualidade de vida do meio urbano, pois dentre os seus principais atributos, está a responsabilidade pela estabilidade da saúde física e mental dos habitantes. Seja através das opções de lazer, de caráter contemplativo ou ativo (como jardins ou áreas esportivas respectivamente), ou, de maneira mais indireta, através da amenização dos efeitos da poluição e do clima de certos locais. O fato é que os espaços livres, especialmente os arborizados, têm uma importância essencial que, de forma gradual, está sendo cada vez mais reconhecida.

Com o crescimento das cidades, a demanda por espaços livres públicos de qualidade também cresce, porém muitas vezes não é atendida. Além disso, várias áreas livres utilizadas informalmente pela população para lazer, a exemplo dos campos de futebol de várzea, estão gradativamente sendo substituídas por construções advindas dos interesses do mercado imobiliário. Isso faz com que a oferta por esses tipos de espaço, que muitas vezes já não é satisfatória diminua mais ainda, afetando a qualidade de vida da população e gerando outros problemas sociais, como a gentrificação, por exemplo.

Por outro lado, o fenômeno de diminuição das áreas verdes livres não ocorre exclusivamente no meio urbano, sendo uma situação observada com cada vez mais frequência também nas zonas rurais, especialmente nas que se localizam próximas às bordas das cidades.

No caso das zonas rurais de municípios paraibanos, percebe-se progressivamente um aumento de empreendimentos habitacionais, mais especificamente de condomínios horizontais fechados. Estes, por iniciativa de grandes construtoras, são implantados nessas regiões devido às características que elas apresentam e, conseqüentemente, acabam por valorizar esses empreendimentos. A proximidade com o centro, assim como a presença do “verde” e da natureza, servem de apelo comercial a classes mais abastadas da população, que procuram um maior contato com esse tipo de ambiente.

Levando em consideração o exposto anteriormente, o presente trabalho propôs a elaboração de um projeto de espaço livre público, mais especificamente de uma praça, no bairro Juracy Palhano, localizado na zona rural da cidade de Lagoa Seca. Sua justificativa parte do impacto causado pela construção de condomínios horizontais fechados na área, os quais acabaram por suprimir os espaços informais antes utilizados pela população como áreas de convívio e lazer.

Com a redução destes locais de convivência, realização de atividades físicas ou de outras naturezas, vê-se adequada a proposta para a área de um projeto do gênero, buscando, nesse sentido, devolver aos moradores do bairro Juracy Palhano e suas imediações, uma opção de lazer e convívio.

1.1 OBJETIVOS

O presente trabalho acadêmico apresenta como objetivo primário a elaboração de um projeto paisagístico de uma praça pública, em nível de estudo preliminar. Como objetivos secundários à tem-se: (1) oferecer atividades de lazer para várias faixas etárias, espaço multifuncional que possa servir à população conforme suas necessidades; (3) promover maior visibilidade e sensação de segurança por meio da poda da vegetação, da limpeza da área e da iluminação; e (4) criar através da educação ambiental e uso sustentável dos recursos naturais espaços de caráter educativo.

1.2 METODOLOGIA

Para esta finalidade, o método adotado foi baseado nas metodologias propostas por Maruyama e Rammé (2014), quanto a estrutura geral do presente trabalho, sua fundamentação teórica e base para a organização do projeto, e Abbud (2010), quanto a metodologia projetual. A primeira se trata de um estudo para a criação de uma metodologia de ensino para a disciplina de paisagismo, enquanto a segunda diz respeito a conceitos práticos relacionados a concepção de um projeto paisagístico, elencando ferramentas e discutindo conceitos que irão nortear o processo projetual.

Em relação à estrutura geral do trabalho, este baseou-se no método proposto por Maruyama e Rammé (2014) o qual se divide em quatro momentos: Fundamentação histórica, Estudos de caso relacionados à temática, Levantamento da área de intervenção e Projeto paisagístico.

No primeiro momento, foi realizado um levantamento histórico a respeito do objeto de estudo, a praça, a título de situar o autor e os interessados na pesquisa, pois compreender a relação do homem com o espaço livre ao longo da história é fundamental para conhecer os elementos que compõe um projeto paisagístico¹.

No segundo momento, buscou-se referências em obras que tratassem da elaboração de projetos paisagísticos, embora que “no tocante do ensino de projeto paisagístico, sejam poucas as literaturas que abordam o processo de projeto”². Para tal foram usados conceitos e ferramentas projetuais propostas por ABBUD (2010), que serviram como base para a análise de correlatos de projetos de espaços livres públicos contemporâneos em diversas realidades.

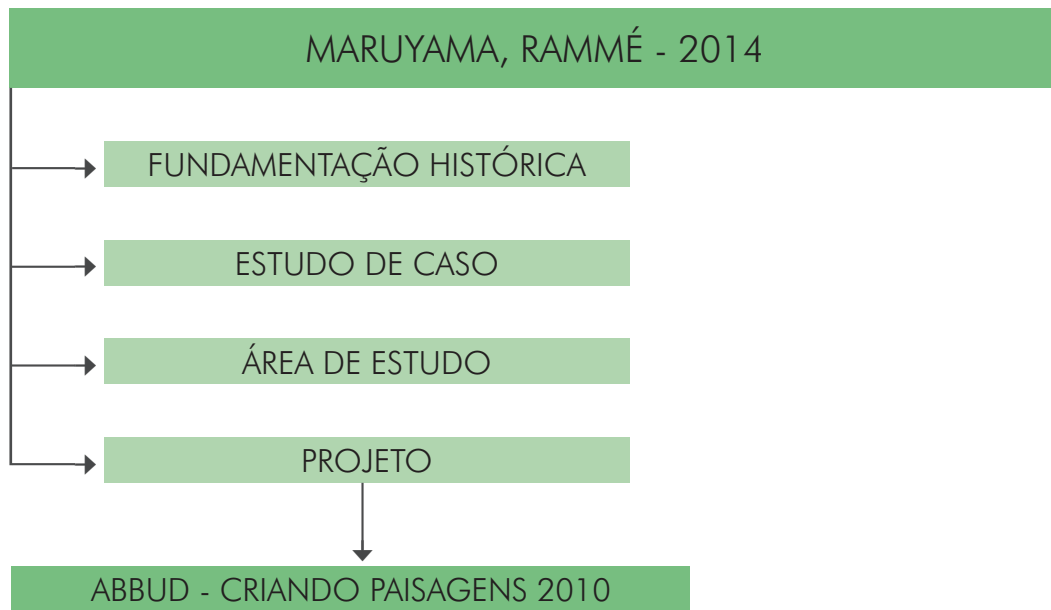
No que diz respeito ao levantamento da área de intervenção, a metodologia propõe a apresentação de alguns itens básicos: Localização e situação da área de estudo, principais dimensões, acessos, condicionantes naturais do sítio (clima, água, topografia e vegetação), memorial botânico, relação com entorno, relações morfológicas, mobiliário urbano existente, tráfegos/fluxos, iluminação, materiais e revestimentos e análise crítica da área. Essas informações foram apresentadas em forma de mapas urbanísticos e tabelas, elencando os principais problemas e potencialidades da área, assim como suas particularidades, sejam morfológicas ou sociais.

Na última etapa da pesquisa, é apresentado um anteprojeto paisagístico para a área, precedido por um estudo preliminar, respeitando as etapas elencadas pela Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas - ABAP. Esse estudo deve apresentar as concepções e diretrizes a serem empregadas, salientando sempre que possível as soluções do partido, assim como sua viabilidade (ABAP, 2014).

1 Maruyama, M.C. Rammé, J. 2014.

2 Maruyama, M.C. Rammé, J. 2014. Pag.2

Complementando os três últimos momentos da metodologia proposta por Maruyama e Rammé (2014), se utilizou das etapas destacadas por Abbud (2010) para elaboração da metodologia projetual, onde o mesmo discorre sobre ferramentas projetuais e o processo de elaboração de um projeto paisagístico. Abbud destaca a importância de se consultar a legislação vigente, para se conhecer as limitações impostas ao projeto, assim como uma caracterização geral da área, aconselhando visitas ao sítio e a busca por dados tanto qualitativos quanto quantitativos. A estrutura adotada pode então ser exemplificada com o esquema a seguir:



Fonte: Elaborado pelo autor

2.1 PANORAMA HISTÓRICO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

Para compreender a evolução da praça como espaço livre público, no contexto urbano brasileiro, é preciso uma revisão histórica, de suas características formais e funcionais, de forma a guiar o projetista por soluções e demandas na elaboração de um projeto contemporâneo. Para tanto, foram estudadas obras de autores como Maruyama e Rammé (2014), Richter (2013), Panzini (2013), Abudd (2010), Macedo e Robba (2010), Macedo e Sakata (2010), Carneiro e Mesquita (2000). Além de trabalhos finais de graduação, do curso de Arquitetura e Urbanismo, de autoria de Oliveira (2018) e Albino (2017).

2.1.1 BREVE HISTÓRIA DOS JARDINS PÚBLICOS

Através dos séculos, os aglomerados urbanos ganharam tal proporção e complexidade que passaram a exigir em sua morfologia espaços mais amplos, já que as ruas já não conseguiam mais lidar com a demanda populacional que a urbe apresentava. Nesse contexto, surgiram os largos e praças, os quais por um longo período de tempo, supriram a necessidade de espaços livres no centro urbano, dando o suporte necessário às grandes aglomerações populares, sejam devido a festas, feiras, torneios ou outras atividades (RICHTER, 2013).

Por volta do século XVIII surge na Europa uma nova tipologia de espaço verde: o jardim público, o qual foi uma grande inovação, considerando-se o fato de que antes os jardins eram quase exclusivamente privados. Embora a criação desse espaço tenha representado uma melhoria para as cidades no período das luzes³, sua origem remonta a bem antes dessa época (PANZINI, 2013).

Como exemplo de concepção de espaços ajardinados públicos temos as alamedas, que surgiram na Espanha a partir do final do século XVI. Foram exportadas para colônias portuguesas e espanholas, com registros que se iniciam desde 1592, no México; já no Brasil temos como exemplo o passeio público do Rio de Janeiro, do final do século XVIII.

A abertura de jardins aristocráticos em algumas cidades europeias, no século XVI, como Roma, Berlim, Londres e Paris, pode também ser considerada exemplo dos primeiros jardins públicos. Segundo Panzini (2013), a abertura desses espaços acabou consolidando um modelo cultural onde as parcelas de classes mais abastadas da população vinham de encontro para verem e serem vistas, e imitar os modos sociais da elite.

Outro acontecimento que contribuiu para o surgimento dos jardins públicos foi o plantio de vegetação em aterros feitos no perímetro de cidades no século XVI, com fins militares. Tal iniciativa gerou, de forma não proposital, “uma oportunidade inédita para a presença do verde nas cidades” (PANZINI, 2013). No século XVII, em Paris, França, Luís XIV foi responsável pela substituição da muralha que protegia a cidade por um sistema de bastiões, os quais possuíam uma larga avenida arborizada, setorizada para carros e pedestres; já em Viena, Polônia, após ataques militares, um novo sistema de defesa afastado do centro urbano foi proposto, e o mesmo

3 Período das luzes: Termo utilizado para designar o século do surgimento do Iluminismo, o qual foi um movimento de cunho cultural baseado no racionalismo feito pela elite europeia

teve seu cinturão de muros transformado num longo parque que margeava o centro histórico da cidade (PANZINI 2013).

Já no Brasil, os largos da cidade colonial, que só vieram a ser modernizados com a influência europeia no final do século XIX, podem ser considerados os primeiros indícios de espaço público no país, juntamente com a construção do passeio público do Rio de Janeiro (MACEDO E ROBBA, 2010).

2.1.2 BREVE HISTÓRIA DAS PRAÇAS PÚBLICAS NO BRASIL

Se na Europa os parques urbanos surgiram da urgência social de atender as necessidades dos grandes contingentes populacionais do centro urbano, devido ao grande avanço industrial e as péssimas condições de salubridade que se encontravam os mesmos, em meados do século XIX, no Brasil, esse processo de concepção de parques urbanos se deu de uma maneira distinta. Esses espaços surgiram como um interesse das elites emergentes que dominavam o país, e foram influenciados diretamente por países como França e Inglaterra (MACEDO e SAKATA, 2010).

Outro acontecimento que influenciou a construção e a resignificação desses espaços foi a vinda da família real ao Brasil, em 1808. Não só os espaços públicos como também toda a cidade veio a receber modernizações para que se adequasse às novas funções administrativas que o evento demandava. Nesse mesmo período, surgiu no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, três parques públicos - o Jardim Botânico, o Campo de Santana e o Passeio público. Esses espaços viriam a possuir as características morfológicas e funcionais que iriam perdurar até os dias de hoje (MACEDO e SAKATA, 2010).

No que se refere ao meio urbano, os Espaços Livres Públicos (ELP) podem ser entendidos como espaços abertos, parcialmente edificados, com poucos ou nenhum tipo de edificação, a exemplo das ruas e avenidas, pátios, lagos, etc. Parques praças e jardins também fazem parte dessa categoria e configuram espaços que podem possuir ou não vegetação, e que trazem consigo funções primordiais à manutenção da qualidade de vida das cidades, como circulação, oferta de espaços de lazer e recreação, assim como de conservação ambiental (LONDE e MENDONÇA, 2014, apud SÁ CARNEIRO; MESQUITA, 2000).

Robba e Macedo (2010) destacam que o espaço livre público agrega em si diversos valores, dentre os quais podemos destacar três principais grupos: (1) valores ambientais, relacionados à remediação da ação antropogênica no meio ambiente urbano, como a melhoria na ventilação, aeração e insolação urbana, no controle de temperatura por meio da vegetação, na melhoria da drenagem urbana e proteção contra erosão do solo, além da preservação de mananciais hídricos; (2) valores funcionais, como uma das mais importantes, e as vezes únicas, áreas de lazer da população de uma cidade e (3) valores estéticos e simbólicos, que correspondem à formação de uma identidade com o lugar, com elementos referenciais e cênicos na paisagem.

Também segundo os autores, a classificação de 'praça' é dada àqueles ELPs que, além de possuírem algum tipo de espaço ajardinado, igualmente "[...] são espaços livres de edificações, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis ao cidadão e livre de veículos⁵." Normalmente esses espaços, diferentemente dos parques urbanos, são subordinados à urbe que o cerca, com a morfologia de arruamentos e edifícios que por vezes os margeiam e são responsáveis pelo seu surgimento, como no caso dos pátios das cidades

5 Robba, F. e Macedo, S.S., 2010, pag.17

coloniais. Segundo Robba e Macedo (2010), apesar da evolução da cidade, a praça como espaço público ainda mantém as suas qualidades essenciais e seu caráter social, sendo ponto central de manifestações cívicas de todos os estratos da população.

A influência cultural europeia sobre o Brasil no final do século XIX proporcionou uma série de campanhas de modernização e embelezamento das cidades, as quais tiveram dentre suas principais mudanças, o novo papel da praça no contexto urbano. Agora, esses espaços passaram a ter um caráter mais contemplativo, no sentido de embelezamento, através da adição de novos elementos.

Além disso, também é frequentemente percebido o uso recreativo, servindo aos interesses de classes mais abastadas da população e tendo como característica um dos principais diferenciadores dos largos da cidade colonial, a implantação de ambientes ajardinados, aos quais recorriam de projetos paisagísticos de caráter eclético (ROBBA e MACEDO, 2010).

Com a modernização das cidades, surgiram novas demandas populacionais que os modelos de espaços livres públicos ecléticos já não suportavam. Com a influência de arquitetos paisagistas modernos como Roberto Burle Marx, Thomas Church e Garret Eckbo, surgiram novas funções na concepção de projetos paisagísticos, como o lazer ativo, atividades de recreação infantil e atividades esportivas (ROBBA e MACEDO, 2010).

Tais inovações viriam a remediar a substituição de espaços antes usados pela população para lazer, como várzeas e campinhos, pela construção civil crescente. Nesse momento os projetos paisagísticos dos ELPs passaram a possuir caráter mais ativo, sem necessariamente deixarem de lado seu caráter contemplativo. Esse movimento que caracterizou mudanças conceituais nesses espaços, chamado modernismo, acompanhou paralelamente a corrente de mesmo nome da arquitetura.

Movimentos ecológicos também fortaleceram a consolidação desses espaços no meio urbano. Os problemas ambientais causados pela crescente urbanização e o desejo da preservação de patrimônios ambientais remanescentes, que fomentaram o surgimento dessa consciência ecológica, apesar de não influenciar diretamente no projeto da praça, salientaram a importância da sua existência (ROBBA e MACEDO, 2010).

2.1.3 PRINCIPAIS ESTILOS COMPOSITIVOS DE PRAÇAS NO BRASIL

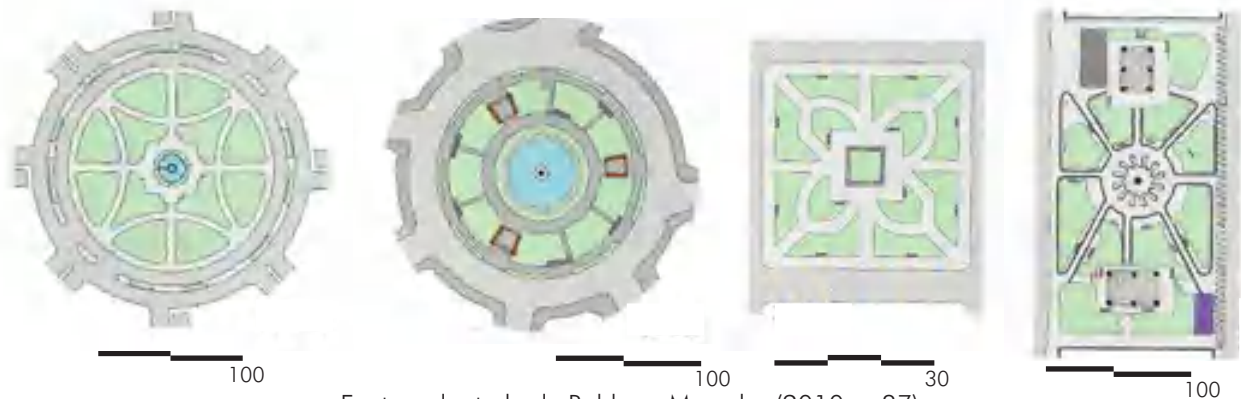
O presente tópico se baseou nas observações feitas por Robba e Macedo (2010), onde os mesmos salientam a evolução da forma, função e significado social desses espaços no meio urbano brasileiro.

Pode-se acompanhar a evolução desses espaços no meio urbano através de diferentes estilos que surgiram num primeiro momento, devido à influência de países que eram parceiros comerciais do Brasil, como a França e a Inglaterra, e num segundo momento pela modernização e novas demandas que exigiam as cidades modernas, principalmente as de grandes contingentes populacionais.

Esse primeiro período se caracterizou pelo estilo eclético, transformando os antigos "largos" da cidade colonial em espaços ajardinados, ressignificando-os e trazendo novas dinâmicas para esse ELP. O período eclético foi bastante produtivo em relação a produção e transformação dos espaços livres brasileiros. Foi nesse período onde os projetos de praças começaram a ser produzidos por jardineiros e paisagistas, que em sua maioria eram profissionais vindos da Europa, principalmente da França, como Auguste F. M. Glaziou.

Essa linha estética de espaços livres públicos brasileiros pode ser dividida em dois ramos: a linha clássica e a linha romântica. A linha clássica caracteriza-se pela “tríade clássica básica”, que são caminhos em cruz, estar central com ponto focal e passeio perimetral. Apesar desse estilo possuir algumas variações, sempre é possível perceber essas características no projeto. Esse estilo ainda se apresenta de forma marcadamente simétrica, com organização axial dos passeios, elementos pitorescos, e racionalização da vegetação, como topiarias e bordadura de canteiros e caminhos.

Figura 1 – Características comuns em projetos de linha clássica: eixos, simetria, passeios perimetrais e pontos focais.



Fonte: adaptada de Robba e Macedo (2010, p.37)

Quadro 1 – Resumo da linha eclética clássica

<i>RESUMO DA LINHA ECLÉTICA CLÁSSICA</i>
Traçado em cruz e variações
Estar central com ponto focal
Passeio perimetral
Canteiros geométricos
Parterres
Simetria
Eixos
Grande quantidade de área permeável
Elementos ecléticos pitorescos
Vegetação arbustiva e formações como bordaduras
Vegetação arbórea ao longo de caminhos
Uso conjunto de plantas exóticas
Geometrização e simetria da planta
Gramados
Podas topiárias

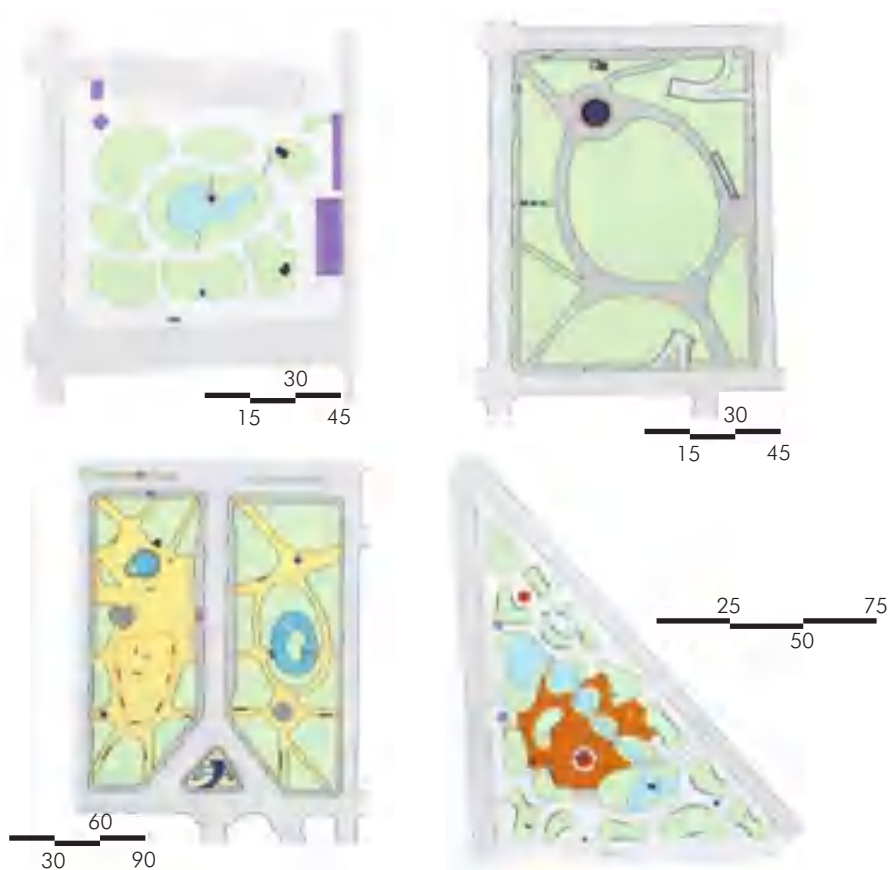
Fonte: Elaborado pelo autor

A segunda linha surgiu na Europa no contexto da revolução industrial, onde cidades como Londres se tornaram superpopulosas e insalubres, pois não estavam preparadas para receber a grande massa de mão de obra oriunda do êxodo rural. Não tardou a se perceber a importância de espaços naturais para a valorização da qualidade de vida dessas cidades.

“No século XIX, a cidade era feia, suja poluída e populosa, com enormes quantidades de trabalhadores que não tinham onde desfrutar dos prazeres do passeio ao ar livre, nem como apreciar as paisagens campestres, hábitos muito caros e tradicionais para o inglês” (ROBBA E MACEDO, 2010, p.72).

Nesse mesmo período, o estilo romântico das artes encontra o desenho dos jardins urbanos. No contexto em que a cidade se industrializa, ao lado do naturalismo e resgate das paisagens pictóricas e pinturas de artistas da corrente, surge o estilo romântico no paisagismo, caracterizado por um desenho mais fluido e orgânico, com linhas sinuosas, mais interessado em recriar as paisagens naturais por meio de espaços urbanos. A presença de elementos pitorescos como pontes, grutas artificiais e estátuas também eram comuns nesses projetos. Apesar de se encontrar exemplos de praças nesse estilo, os mesmos são escassos, já que o estilo era mais restrito a projetos de parques e jardins de maior porte.

Figura 2 – Praças românticas brasileiras, desenhos mais livres e assimétricos. Da esquerda para a direita: Praça Carlos Gomes, Curitiba; Praça do Derby, Recife; Praça Alexandre Gusmão, São Paulo; Praça Heliodoro Balbi, Manaus.



Fonte: adaptada de Robba e Macedo (2010,p.75)

Quadro 2 – Resumo da linha eclética romântica

RESUMO DA LINHA ECLÉTICA ROMÂNTICA

Traçadas orgânicos e sinuosos
Estares e recantos contemplativos
Logos serpenteantes
Equipamentos ecléticos pitorescos
Grande quantidade de área permeável
Criação de cenários naturalistas
Criação de visuais
Utilização cênica da vegetação
Uso de espécies exóticas e nativas

Fonte: Elaborado pelo autor

Espaços públicos ecléticos clássicos e românticos ainda persistiam no começo do século XX. Um dos primeiros indícios da transição desses estilos para algo novo foi o projeto de Roberto Burle Marx para a Praça de Casa Forte, que apesar da conformação fortemente clássica, já mostrava diferenciações de projetos dessa linha, através do plantio temático, com destaque para o uso de plantas tropicais. Burle Marx seria mais tarde uma das principais forças de transição do movimento eclético para o moderno, assim como a consolidação de novas demandas como espaços esportivos.

As teorias modernas do urbanismo influenciaram na concepção dos espaços livres, e uma das influências perceptíveis foi a mudança no programa de atividades. Ao mesmo tempo em que a disponibilidade de espaços livres, mesmo os usados de forma informal, foram se esgotando devido ao crescimento das cidades, a prática de atividades esportivas se consolidou, e as praças se mostravam como o lugar ideal para essa prática. Nesse contexto, surge a linha do estilo moderno no paisagismo brasileiro.

A implantação de áreas de lazer ativo, quadras, playgrounds etc., passaram a acontecer de forma mais incisiva a partir da segunda metade do século XX, mas as mudanças no programa de necessidades desses espaços não se resumiam só ao lazer ativo. A implementação de áreas de lazer cultural também foram difundidas nesse período, com a construção, por exemplo, de anfiteatros e conchas acústicas. O caráter contemplativo desses espaços nunca deixou de ser parte do projeto.

A simplificação dos elementos no projeto que caracterizavam o modernismo e o rompimento com a corrente romântica modificou profundamente esses espaços. Agora, os passeios conduziam a redutos de lazer ativo e passivo, não mais eram destinados apenas ao desfile das classes mais abastadas. Esse caráter que a nova tipologia de espaços livres apresentava era, por consequência, mais inclusivo que a corrente eclética que a precedeu, pois já não era mais necessário, devidos às novas atividades que o espaço propunha, de uma “etiqueta” para

frequentá-los.

Nem todos os espaços públicos de caráter moderno brasileiros apresentavam espaços de lazer ativo, alguns se reservavam apenas a contemplação. O que caracteriza esses espaços é o desenho do projeto, seguindo uma linha oposta ao estilo eclético, com o uso de um traçado dinâmico e orgânico e/ou geométrico, agora utilizando a vegetação como elemento compositivo de volumetrias. O uso de árvores, arbustos e forrações, passou a ser implementado como elemento de composição espacial, e os paisagistas exploraram ao máximo as características tridimensionais dessas espécies, criando planos de composições, dos quais Abbud (2010) trata de forma mais aprofundada.

Figura 3 – Exemplos de praças da linha moderna



Fonte: Robba e Macedo (2010).

Quadro 3 – Resumo da linha moderna

RESUMO DA LINHA MODERNA

Setonização de atividades
Utilização de formas orgânicas, geométricas e mistas em pisos, canteiros, espelhos de água
Liberdade na composição formal
Grandes áreas de pisos processadas

Criação de estares e recantos como elementos centrais do projeto
Circulação estruturada por sequências de estares
Valorização de ícones e signos da cultura regional e nacional
Vegetação como elemento bidimensional na composição dos espaços
Platô de mármores arbóreas criadas planas verticais
Plantil de fortificações como grandes tapetes
Larga utilização e valorização da flora nacional

Fonte: Elaborado pelo autor

Já no final do século XX, surge em meio a globalização e a comunicação em massa, uma terceira linha de projeto denominada contemporânea. A priori, essa linha tomou como base os princípios modernos de organização do espaço e a liberdade de programas, desenhos e cores. Além disso, os materiais e elementos permitiram a criação de diversas formas e linguagens de projetos.

“A liberdade obtida a partir da revisão de conceitos modernistas e a recuperação e reinterpretação de ícones do passado permitem a inclusão de partidos e linguagens irreverentes, cenográficas e espetacularizadas” (ROBBA E MACEDO, 2010, p.146).

Não se pode indicar de forma definitiva as características dessa linha compositiva, apesar de apontarem alguns atributos básicos quanto a forma e a função desses espaços no contexto urbano, como mostra o quadro 4. Uma das novas características que viria por meio dessa linha seria a implantação de usos comerciais no projeto.

Quadro 4 – Linha contemporânea

RESUMO DA LINHA CONTEMPORÂNEA

<i>QUANTO À FORMA</i>	<i>QUANTO À FUNÇÃO</i>
Revitalização e restauração da imagem, o velho e o novo uso	Introdução de uso comercial
Reconfiguração e mudanças estruturais	Direcionamento do uso para a passagem de pedestres e circulação
Colagem decorativa e incoerência	Criação de espaços multifuncionais e adaptáveis
Formalema gráfico em contraponto a praça ajardinada	Criação de estares e recantos como elementos centrais do projeto
Cenografias	Circulação estruturada por sequências de estares

Fonte: Elaborado pelo autor

2.2 FERRAMENTAS PROJETAIS EM ARQUITETURA PAISAGÍSTICA

O uso diversificado de elementos vegetais e construídos é essencial para se obter um bom projeto paisagístico. Para tanto, é necessário conhecer e saber aplicar esses elementos.

Serão apresentados diversos princípios projetuais baseados em Abbud (2010), que irão auxiliar no processo de concepção de espaços. Esses princípios serão tratados a seguir, tendo como principal foco os que possam vir a contribuir para a elaboração do projeto de um espaço livre público, o qual requer abordagens diferentes de projetos particulares.

O autor dá destaque em sua obra ao paisagístico como “a única manifestação artística em que participam os cinco sentidos do ser humano⁵.” Pode-se concluir então a importância da interação entre espaço e usuário, quando tratamos de um projeto paisagístico.

A experiência sensorial do usuário no espaço se dá pela interação deste com os elementos que compõe os vazios formados pelas massas vegetais, ou espaço paisagístico e demais elementos do projeto, gerando sensações. Segundo Abbud (2010), “para explicar o espaço paisagístico, aplica-se bem o antigo ditado chinês que diz que o importante não é a forma exterior do vaso, mas a forma do vazio que ele contém”⁶.

Figura 4 – O espaço em paisagismo é a forma vazia criada pelos volumes vegetais e demais elementos do projeto, também podendo ser entendido como uma “bolha”, diferente do espaço arquitetônico.



Fonte: Abbud (2010,p.19)

A criação de lugares é fundamental, pois eles que irão compor o projeto paisagístico. A respeito disso o autor nos apresenta o conceito de lugar e não lugar, sendo o primeiro um espaço que convida os usuários a permanência e convivência com outras pessoas, assim como a realização de alguma atividade, seja de caráter passivo, como um lugar de leitura, ou ainda de natureza mais ativa, como academias ao ar livre ou playgrounds. O não lugar seria o responsável por unir os lugares e pode também ser entendido como os vários passeios que ligam esses espaços.

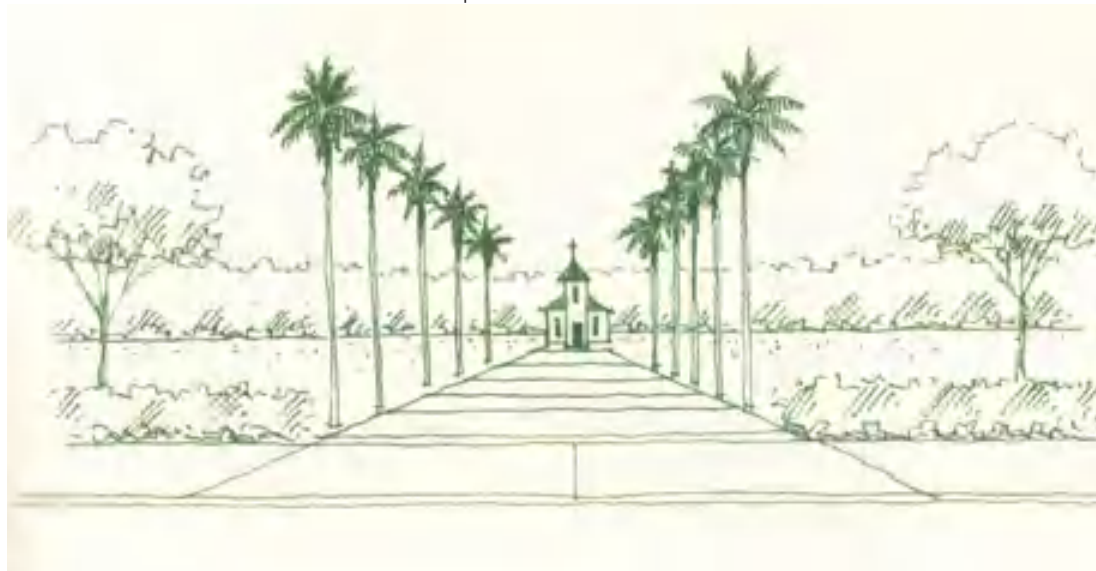
Há no paisagismo procedimentos e ferramentas que auxiliam o projetista na concepção de um projeto, assim como na análise de suas proporções. Com base no livro Paisagem Urbana (Cullen, 1971), o autor desenvolveu e adaptou algumas ferramentas, as quais foram utilizadas na atual pesquisa por meio da análise dos correlatos e na proposta paisagística da Praça Guabiraba. São elas:

5 Como destaca Abbud, B. (2010) pag.16.

6 Abbud, B. 2010, pag.19.

PONTOS FOCAIS – Elementos dispostos ao longo de um percurso, ou no fim de um caminho, com a finalidade de arrematá-los. esses elementos podem ser desde construções a esculturas ou mesmo espécies vegetais escultóricas ou com um apelo plástico diferenciado. Também pode-se destacar o uso de palmeiras ao longo de um percurso, direcionando a vista para certo ponto na paisagem.

Figura 5 – O uso de palmeiras para direcionar o olhar para um ponto de interesse do projeto é um exemplo do uso dessa ferramenta.



Fonte: Abbud (2010,p.79)

PASSAR ENTRE – Se trata de criar espaços transitórios que gerem diferentes sensações aos usuários. Isso pode ser obtido com caminhos sobre elementos naturais como água, através de canteiros floridos, de espaços criados através da copa das árvores ou entre elementos arbustivos. Permeiar passeios com canteiros, seja por meio de plantas com flores ou formas chamativas, é uma ótima opção para tornar mais agradável o passeio do usuário, assim como o direcionar de determinados pontos a outros do projeto, de forma natural, fazendo com que haja o máximo de proveito e encantamento com o projeto durante esse deslocamento.

Figura 6 – Passeios com diferentes cores e texturas criam sensações agradáveis aos usuários do espaço.



Fonte: Brazilian Garden – Raymond Jungles; Roger Foley (s/a)

○ AQUI E ALI – Trata-se da criação de delimitações do espaço, sem necessariamente segregar os ambientes. Essa ferramenta é importante para situar o observador acerca dos planos que compõe o projeto. “Na criação de espaços e hierarquias, é importante ter em mente o que significa o aqui e o ali, o próximo e o distante [...] “Pode-se através do aqui e ali, sugerir uma maior profundidade espacial, articulando-se o que há próximo ao observador e o que ele vê em segundo plano⁷.” Essa ferramenta pode-se dar pelo uso de barreiras, que dependendo de sua função podem vir a demarcar o “aqui” sem esconder o “ali”, como arbustos de menor porte, muretas, bancos muretas, ou outros elementos que não ultrapassem a linha visual do observador, ou, caso venha-se a necessitar esconder determinadas áreas desinteressantes para o projeto, pode-se optar por usar elementos mais altos que os disfarce.

Figura 7 – Com a criação de elementos entre os espaços, é possível criar limites que situem os usuários.



Fonte: Abbud (2010,p.30)

EMOLDURAR A PAISAGEM – Através de elementos construídos, como pórticos ou arcos, ou ainda com aberturas em elementos vegetativos, como as copas das árvores, enquadrar certo elemento de forma cenográfica, ou realçando, como paisagens atrativas, ou elementos dentro do próprio projeto.

Figura 8 – Uso da ferramenta “enquadrar a paisagem”.



Fonte: Adaptada de Mourão (s/a)

7 Abbud. B., 2010, pag.29.

CAPTURAR A PAISAGEM – Pode-se aproveitar a paisagem circundante, trazendo elementos que vão além dos limites do espaço projetado. Essa ferramenta permite ao projetista ampliar a ideia de espaço, trazendo elementos da paisagem para o projeto, assim como valorizar e integrar o entorno, não segregando possíveis potencialidades que a área ofereça. Uma das formas de usar essa ferramenta é conciliar as formas utilizadas no projeto com a paisagem circundante (fig. 9), como o caso do projeto do paisagista Burle Marx (1909-1994).

Figura 9– Jardins da residência Ralph Camargo – Roberto Burle Marx

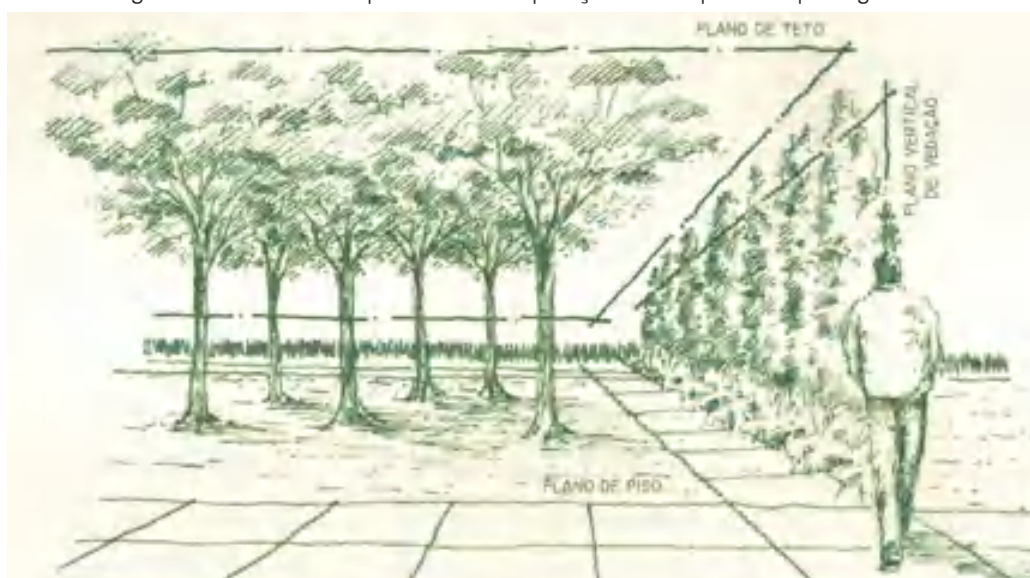


Fonte: Mourão (s/a)

Quanto ao uso da vegetação no projeto, o autor dedica 3 capítulos específicos após discorrer brevemente sobre tipos de extratos vegetais e composições volumétricas possíveis com as diferentes morfologias que nos oferecem as plantas. A título introdutório, será repassado conceitos do autor para melhor entendimento da metodologia proposta para o presente trabalho.

Os estratos vegetais podem ser categorizados em três principais tipos: estrato arbóreo, estrato arbustivo e estrato de forração. Cada um deles possui um uso distinto, conforme a finalidade, além de corresponderem respectivamente às superfícies da arquitetura: o plano de teto, o plano vertical, ou plano de parede, e por fim o plano de piso ou horizontal.

Figura 10 – Diferentes planos de composição em arquitetura paisagística.



Fonte: Abbud (2010,p.20)

No plano de teto, temos a parte inferior das copas das árvores, que fornecem sombra e abrigo aos usuários. Com esse plano, é possível criar a ideia de lugar, pois a sombra que gera, ou o espaço compreendido pela copa ou no caso de um grupo de árvores, pelas copas, sugere um limite virtual convidativo a permanência.

No plano vertical, ou de parede, temos o estrato arbustivo. Ele é formado por arbustos e arvoretas variados quanto a sua morfologia e podem ser utilizados como muros vegetais. Esses elementos, que também pode ser chamado de cercas vivas, “[...] tem papel importante para criar intimidade e aconchego nos lugares e também para bloquear vistas indesejáveis [...]”⁸. Sua utilização pode acompanhar passeios como forma de direcionar o usuário e criar a ideia do “passar entre”, além de limitar o acesso a certas áreas e esconder ou emoldurar certo elemento na paisagem.

No plano de piso, temos como exemplo a grama e demais espécies vegetais rasteiras. Elas dão texturas ao projeto, limitam áreas de tráfego, assim como criam áreas de permanência, no caso da grama, e podem acompanhar passeios, criando, assim como o plano vertical, o “passar entre”.

É necessário salientar da importância de se trabalhar com esses elementos, seja num jardim privado ou num espaço público, pois eles serão os norteadores das escolhas projetuais no que se refere ao uso da vegetação como elemento compositivo. “No meio urbano, todos esses extratos podem ser pensados para dialogar com os volumes edificados, fazendo com que as ruas se ampliem ou se formem acolhedoras, se forem largas ou extensas demais”⁹.

No capítulo dedicado a espécies arbóreas, o autor nos introduz os dois principais tipos de copas que essas espécies apresentam: horizontal e vertical. Enquanto o primeiro grupo possui a largura da copa maior que a altura, o segundo grupo tem diâmetro de copa menor que a altura. Além disso, o grupo de árvores de copa horizontal está ligado ao plano de teto, por sua copa fornecer sombra e abrigo; já as árvores de copa vertical estão sujeitas ao plano de parede, também podendo ser explorada como ponto focal ou ainda na composição de barreiras visuais ou físicas.

Ainda sobre espécies arbóreas é apresentado dois tipos distintos de agrupamentos vegetais, os maciços heterogêneos e os homogêneos. Fica a escolha do projetista utilizar desses dois grupos para se obter diferentes resultados. Um maciço homogêneo pode ressaltar uma característica específica de uma espécie ou ainda criar muros vegetais de caráter formal, enquanto maciços heterogêneos podem sugerir a ideia de bosques naturais a um espaço, sendo possível formar composições com diferentes cores e texturas, criando assim uma maior dinamicidade ao projeto.

Enquanto o estrato arbóreo predomina em projetos de espaços públicos, o estrato arbustivo é mais empregado em pequenos e médios jardins residenciais, nem por isso deve-se descartar o seu uso em espaços públicos.

Existem dois tipos básicos de arbustos, altos e baixos. O primeiro grupo possui altura superior a visão do observador, tendo como principal função de fechar e auxiliar na concepção de escala e na criação de lugares aconchegantes no projeto. Esse recurso se mostra útil quando o espaço necessita de uma delimitação, como a necessidade de dissimular elementos desinteressantes para o projeto. Já os arbustos baixos oferecem grande variedade de usos em jardins e demais tipologias compositivas, podem servir de elementos de proteção, já que delimitam

8 Abbud, B., 2010, pag.56.

9 Abbud, B., 2010. pag.56.

espaços e impedem o tráfego por áreas com declive acentuado ou com mudanças bruscas de níveis, sugerir orientação, no caso do seu uso em passeios, que também podem ser explorados quanto ao formato cor e texturas, tornando mais agradável o trajeto.

Figura 11 – Tipologias de copas no estrato arbóreo.



Fonte: Criando Paisagens (2010, p. 61.)

Já o estrato de forração pode ser classificado em dois tipos básicos, plantas de solo e trepadeiras. Entre as plantas de solo, em projetos de espaços livres públicos pode-se destacar o uso de grama, pois essas oferecem superfícies confortáveis para permanência e recreação, assim como de outras espécies rasteiras, que podem oferecer cores e texturas distintas ao solo, tendo em vista a previsão de manutenção, pois esse grupo requer uma maior manutenção comparada aos demais.

Devem ainda ser considerados na concepção de massas vegetais, além da volumetria, outros elementos plásticos que os estratos vegetativos possam oferecer. Cores e texturas, seja de flores, folhas, troncos ou raízes, podem ser explorados na composição com esses estratos vegetais. Árvores que florescem anualmente podem ser um destaque em um projeto paisagístico, trazendo dinamicidade ao ambiente em determinada época do ano, ainda havendo a possibilidade de intercalar espécies que florescem em épocas distintas do ano, dando ao projeto um aspecto multável, trazendo surpresas aos usuários.

Quanto aos demais materiais do projeto, o autor expõe que “todos os recursos são bons, em essência não há alguns melhores e outros piores, mas tudo depende de como são empregados”. Em espaços públicos é preciso ter um cuidado especial na escolha dos materiais, se optando por aqueles preferencialmente mais resistentes e de baixa manutenção, justamente por seu uso de caráter público. Também é “interessante fazer combinações, associando materiais naturais e artificiais, contrabalançando o calor de uns com a frieza de outros”¹⁰. Elementos naturais como rochas, encontradas as vezes na própria área de intervenção, podem ser utilizadas no projeto, conferindo um tom mais natural ao projeto, principalmente se consorciadas com a vegetação.

Quanto aos materiais artificiais que podem vir a ser utilizados, o cimentado se apresenta como um material de baixo custo, versátil quanto a sua aplicação, pois pode ser indicado para muros, muretas, escadas e rampas, mobiliários em geral, pisos, etc; além do fato desse material apresentar, dentre essas opções, durabilidade, resistência e diversas aplicações de cores e texturas, o que faz dele uma escolha interessante para um projeto de espaço público.

3 ANÁLISE DOS CORRELATOS

Para realização desta etapa, foram escolhidos critérios diversos, desde o zoneamento e soluções plásticas/volumétricas/funcionais a escolhas projetuais para mobiliário urbano. Foram selecionados projetos contemporâneos que fossem mais condizentes com o contexto atual, expressando suas demandas e particularidades.

Recortes de várias tipologias, desde parques ecológicos a praças urbanas, foram analisados no presente trabalho, tendo como ponto em comum algum aspecto que contribuiu para concepção do projeto da Praça da Guabiraba.

Buscou-se elencar informações como localização, implantação, soluções plásticas, materialidade e programa de necessidades, além da análise direcionada aos conceitos expostos por Abbud (2010), no que diz respeito à concepção do espaço em paisagismo.

3.1 - RED RIBBON - TURENSCAPE

Figura 12 - Red Ribbon



FICHA TÉCNICA

Escritório: Turenscape

Local: Qinhuangdao, Hebei, China

Ano: 2007

Categoria: Parque

Área: 2000000.0 m²

Fonte: Turenscape (2019)

O projeto do escritório Turenscape trouxe a uma área antes inacessível e descuidada da cidade de Qinhuangdao, na China, um projeto que conciliasse a atividade humana e a conservação e educação ambiental. O projeto se localiza numa área tomada por vegetação nativa, o que é uma potencialidade já que essa condição atrai várias espécies. Em contrapartida, se tratava de uma área abandonada onde a própria vegetação, arbustos e gramíneas, tornavam a área quase inacessível e perigosa.

Como uma das principais diretrizes do projeto, se pretendia preservar a margem de um rio, criando uma opção de área de lazer para os habitantes da região. Entretanto, a “espinha dorsal” do projeto trata-se de uma obra de design que por si só funciona como assento, passeio e iluminação. Essa construção, em fibra de vidro vermelho brilhante, margeia o rio e pontua o local de forma harmoniosa com suas cores e curvas que acompanham as formas naturais da paisagem. Ao longo do percurso criado pela “fita vermelha”, que dá nome ao projeto, são encontradas construções em aço que fornecem abrigo contra os raios solares, e convidam à

permanência. Essas áreas têm sua finalidade reforçada pela introdução de plantas ornamentais de flores perenes, que dão ao espaço tons agradáveis de cores e texturas e reforçam a ideia de lugar, citada por Abbud 2010.

Figura 13 – Red Ribbon, Planta geral



Fonte: Turenscape (2019)

Quanto a materialidade do projeto, a “fita vermelha”, em fibra de vidro, dá vida ao espaço e gera um ponto focal contínuo na paisagem. Um agradável passeio em madeira margeia essa construção gerando “não lugares”, ligando toda a extensão do projeto, que por vezes encontra construções em aço, onde estão localizadas áreas de permanência semicobertas por essa estrutura. Paralelo a esse percurso, há uma via indicada no projeto como ciclofaixa, percorrendo toda a extensão do parque de forma mais direta. Essa ciclofaixa é composta por um material cimentício na cor vermelha, acompanhando o partido projetual da “fita”.

A figura 14 a seguir exemplifica o que Abbud (2010) cita como “bolha”, o que pode também ser entendido como espaço paisagístico. Essa “bolha” é criada a partir do teto da estrutura e através de espécies vegetais que margeiam essa construção, reforçando a ideia de lugar, criando planos, de teto, parede e piso, que delimitam o espaço, sem por isso segregá-lo da paisagem ou criar barreiras visuais. O que ocorre é a criação de uma delimitação virtual do espaço, permitindo aos usuários entenderem o aqui, o espaço em que se encontra e que convida à permanência, e o ali, no caso da imagem, a paisagem circundante.

Figura 14 - Em amarelo, a bolha criada pela percepção do usuário, em branco, os planos criados pela vegetação.



Imagem: Turenscape (2019) modificada pelo autor.

3.2 - PRAÇA FONTE NOVA – JOSÉ ADRIÃO ARQUITETOS

Figura 15 – Praça Fonte Nova.

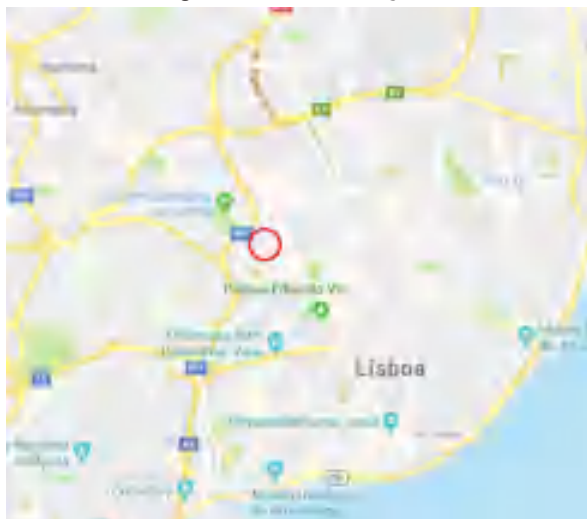


FICHA TÉCNICA
Escritório: José Adrião Arquitetos
Local: Lisboa, Portugal
Ano: 2017
Categoria: Praça
Área: 35000.0 m²
Título: Praça Fonte Nova

Fonte: Guerra (2018)

A praça Fonte Nova está localizada na cidade de Lisboa, Portugal, e surgiu de uma iniciativa pública de implantação de espaços livres pela cidade. A área posterior à intervenção era utilizada como estacionamento informal, o qual foi reduzido pela metade para dar espaço ao uso recreativo do local para a população. As árvores pré-existentes foram utilizadas como partido do projeto, sendo preservadas e compondo o projeto junto às novas espécies acrescentadas.

Figura 16 – Localização.



Fonte: Google Maps (2019)

Figura 17 – Planta geral do projeto.



Fonte: José Adrião Arquitetos (s/a).

O que se pode destacar nesse projeto são as várias “ilhas” criadas, com diferentes programas de necessidades, desde parques infantis a espaços para animais de estimação. Essas “ilhas” possuem bancos em material cimentício, que delimitam suas bordas, de forma harmoniosa, propondo espaços para permanência onde os usuários podem tanto se estabelecerem para descansar ou ler, como para observar o entorno e aproveitar o espaço da maneira que lhe for mais agradável.

Como é possível observar na figura 18 a seguir, tanto as árvores, tipuanas (*Tipuana tipu*), quanto os bancos cimentícios, criam “bolhas” que estimulam a permanência dos usuários. Esses espaços oferecem dinâmicas de convívio diversas, como encostos variados (individuais ou não), devido a sua morfologia, permitindo ao usuário voltar-se para dentro ou fora das ilhas.

Figura 18 - Em amarelo, a bolha criada pela percepção do usuário, em branco, os planos criados pela vegetação.



Fonte: Guerra (2018), modificada pelo autor (2019).

3.3 - PRAÇA SÃO VICENTE DE PAULA – ESTÚDIO ARQUITETURA

Figura 19 – A criação de patamares permite a criação de espaços de permanência.



FICHA TÉCNICA

Escritório: Brasil Arquitetura

Local: Minas Gerais, BR

Ano: 2012

Categoria: Praça

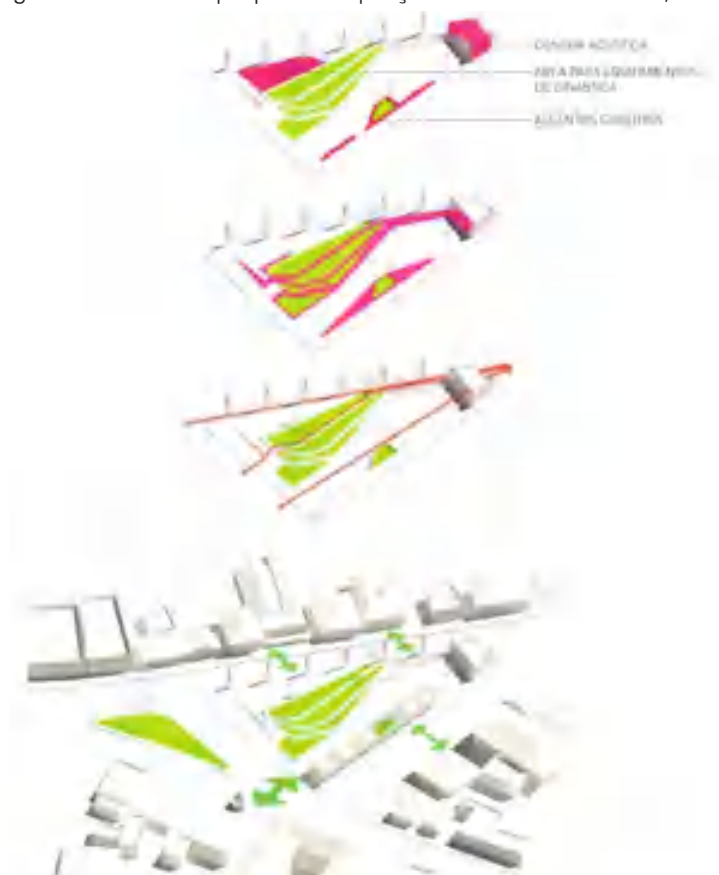
Área: 1500m²

Título: Praça São Vicente de Paula

Fonte: Galeria da Arquitetura (2019)

A Praça São Vicente de Paula está localizada na cidade de Dom Silvério, com apenas 5000 habitantes, no interior do estado de Minas Gerais. Esse espaço foi fruto de uma reforma, dando a cidade um espaço de lazer contemplativo multifuncional, que conta com um mobiliário urbano, que surge a partir dos desníveis do terreno permitindo aos usuários a apropriação do espaço conforme desejarem, além de equipamentos de ginástica, e uma concha acústica, viabilizando apresentações públicas, como possíveis shows, atrações e eventos culturais.

Figura 20 – Partido projetual da praça São Vicente de Paula, MG.



Fonte: Galeria da Arquitetura (2019)

O escritório usou o formato triangular e os desníveis do terreno para expandir o número de áreas verdes no projeto e criar platôs escalonados nas áreas pavimentadas, aproveitados como assentos pela população. Na porção mais baixa do projeto, foi construída uma concha acústica com assentos. No que diz respeito à materialidade, o uso de construções cimentícias e intertravados se justifica pela proposta do escritório em usar materiais mais acessíveis e de fácil manutenção. Vale ressaltar que a cor vermelha dos intertravados é destaque nesse quesito.

O patamar implantado a partir da topografia, juntamente com o trecho gramado e a árvore criam um espaço convidativo à permanência, assim como, mais ao fundo, o pergolado e os bancos cimentícios. Esses dois espaços estão ligados através de um “não lugar”, no caso o piso intertravado. Novamente a ideia de “lugar” e “não-lugar” é reforçada através da organização dos elementos construídos. As árvores pré-existentes são aproveitadas nesse sentido, tirando o máximo de proveito da localização destas e da dinâmica construída pelos taludes e demais mobiliários da praça, como mostram as figuras a seguir.

Figura 21 – Criação de lugares (pergolado e patamares) separados por um “não lugar” (passeio).



Fonte: Galeria da Arquitetura (2019)

Figura 22 – O aproveitamento da vegetação pré-existente na composição com os espaços.



Fonte: Galeria da Arquitetura (2019)

O pergolado aliado aos bancos cimentícios criam uma forte ideia de lugar, oferecendo aos usuários um abrigo coberto e mais íntimo em relação às demais áreas do projeto. Ao fundo da Figura 23 é possível notar o cuidado com a vegetação pré-existente, integrando-a à composição, deixando-a ainda mais interessante e convidativa.

Figura 23 – O pergolado cria uma forte ideia de espaço, criando limites virtuais bem determinados



Fonte: Galeria da Arquitetura (2019)

3.4 - PARQUE CENTRAL DE KOPER – ENOTA

Figura 24 – Parque Central de koper, visão geral.



Fonte: Kambič (2018)

FICHA TÉCNICA

Escritório: ENOTA

Local: 6000 Koper, Capodistria, Eslovênia

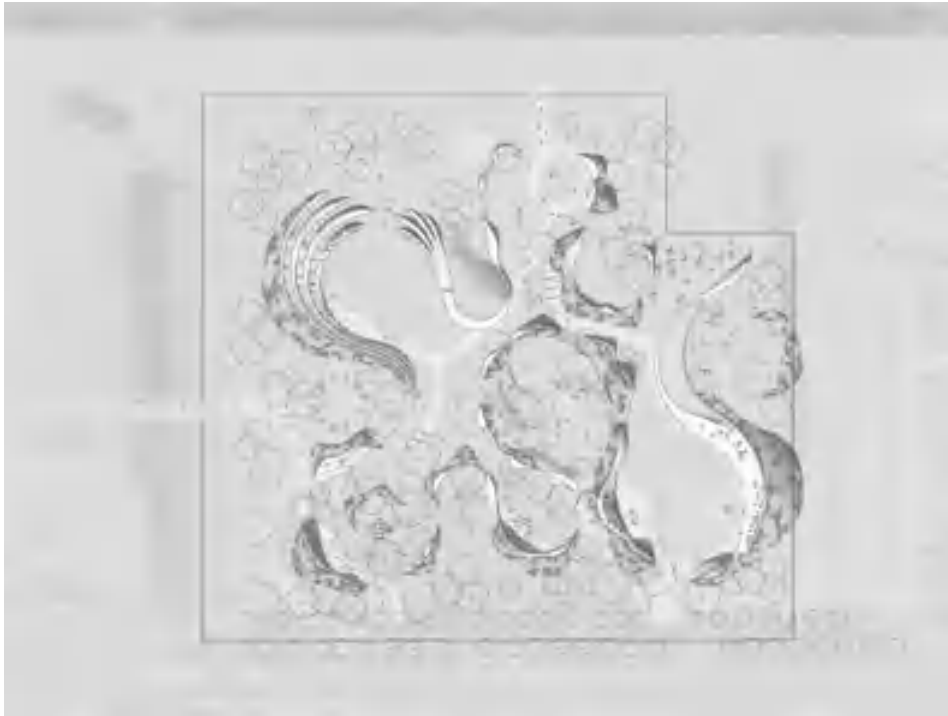
Ano: 2018

Categoria: Parque

Área: 26000m²

O Parque Central de Koper se localiza na cidade de Koper, na Eslovênia, e nasce da necessidade de um espaço amplo para lazer e convívio da população. A justificativa de sua localização parte da inexistência de espaços grandes o suficiente próximos ao centro antigo da cidade; além disso, também o fato da porção do mar que banha a costa na qual o projeto foi inserido estar passando por um processo de limpeza, o que atrai a população não só para as atividades que o parque pode sugerir, mas também ao lazer próximo a praia.

Figura 25 – Planta geral.



Fonte: Kambič 2018

Segundo os autores, o projeto tenta, por meio do conjunto de elementos, integrar e se destacar da heterogeneidade que a área circundante possui, atraindo, pelas suas características que unem um parque urbano ao um ambiente de praia, a população ao seu uso.

Elementos monolíticos que emergem do solo são destacados tanto pela sua materialidade quanto por porções da topografia com vegetação abundante que se elevam, compondo o projeto. Esses elementos criam “ilhas”, ou lugares, onde as possibilidades de usos são inúmeras, cabendo aos usuários usufruírem do espaço conforme suas necessidades.

Figura 26 – Criação de “ilhas” através de elementos construtivos.



Fonte: Kambič 2018, modificado pelo autor (2019)

Quanto às diferentes possibilidades que o conjunto de espaços criados por esses elementos construtivos podem oferecer aos habitantes de Koper, o autor salienta que:

“O design dos elementos urbanos individuais segue consistentemente os diferentes programas. Em alguns lugares, eles são mais altos e funcionam como um refúgio dos olhares e do ambiente barulhento; em outros lugares, eles são mais baixos e permitem um contato visual livre entre as zonas do programa. As formas orgânicas projetadas são pontos de observação, uma pista com obstáculos para crianças, paredes de escada, um pano de fundo para um bar à beira-mar, um local de concertos, um parque infantil, uma área de leitura e muito mais.”¹¹

A vegetação também é utilizada de maneira bastante racional, maximizando seus benefícios para a área. Os elementos vegetais mais altos são dispostos ao longo das bordas da área, auxiliando a vegetação pré-existente a minimizar os efeitos causados pelo impacto do ambiente. Esses elementos também são compostos de forma harmônica com os elementos construídos. A vegetação que acompanha o relevo dão aos monólitos mais naturalidade, como se tratasse de afloramentos rochosos encontrados na natureza.

Quanto aos passeios, ou não lugares, esses se encontram apenas nas áreas previstas como de grande fluxo, no caso acompanhando as construções monolíticas, se justificando pela proposta projetual de oferecer ao espaço um uso mais diversificado e a possibilidade de rearranjar esses elementos conforme o uso pela população. A pavimentação se faz pelo uso de blocos intertravados, que além de permitir uma maior flexibilidade quanto ao seu reagrupamento, compõe junto com o plano de piso criado pela grama, um jogo interessante entre esses dois planos. Os passeios aliados ao relevo pronunciado e aos monólitos sugerem, tanto pela sua morfologia quanto sua materialidade, uma divisão clara entre ambientes, criando o “aqui” e “ali”.

Figura 27 – Uso da ferramenta “aqui” e “ali” – Parque Central de Koper.



Fonte: Kambič (2018), modificado pelo autor (2019).

¹¹ Como consta a descrição pela equipe do projeto na matéria disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/915059/parque-central-de-koper-enota>>

Com base nos correlatos, foi criado um quadro síntese apresentando as principais características retiradas desses projetos e suas respectivas inspirações na concepção da praça, assim como as ferramentas e conceitos encontrados nesses correlatos.

Quadro 05 – Resumo dos elementos projetuais retirados dos correlatos.

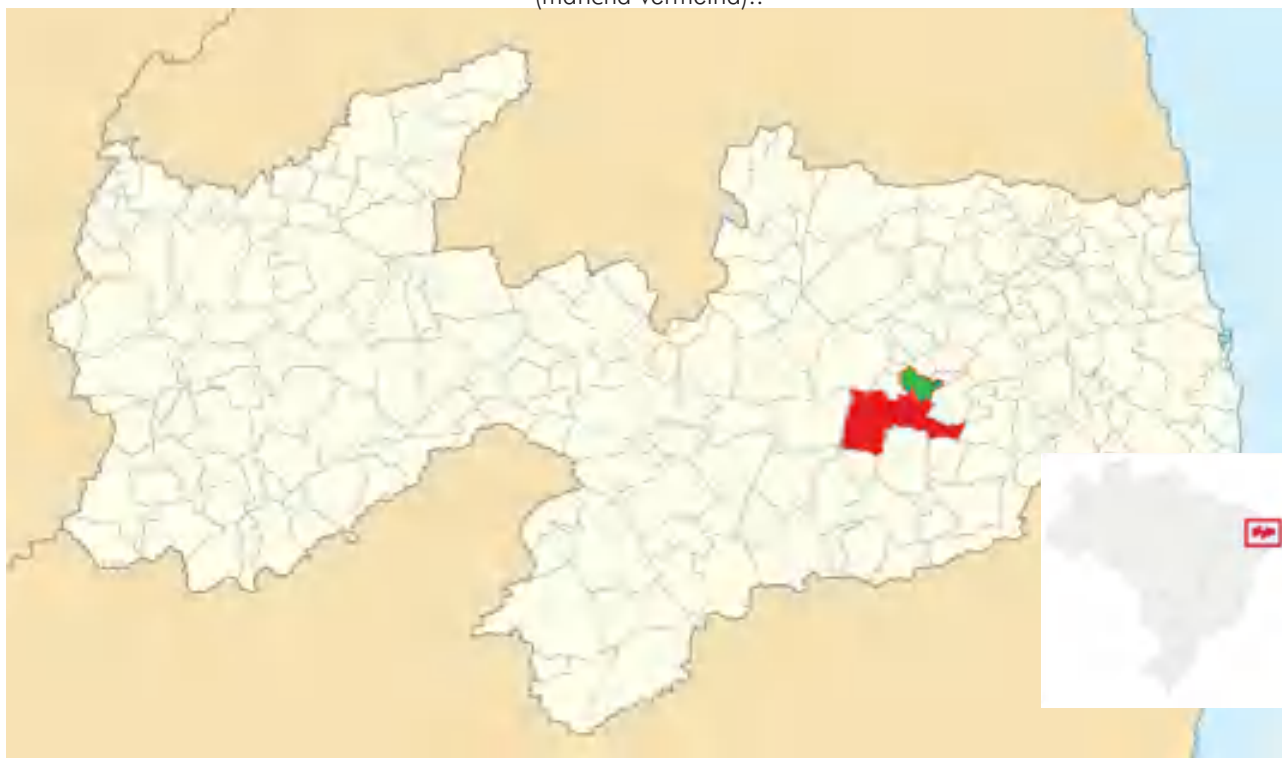
<i>QUADRO RESUMO CORRELATOS</i>			
Correlato	Elementos do projeto	Uso na praça	Ferramentas/conceitos utilizados
Red Ribbon - Turenscape	Solução mobiliária - Uso de cores, - contrastes e formas. Adequação ao meio circundante.	Mobiliário (cores e formas).	Aqui e ali; Capturar a paisagem, Cores/texturas/ Sensorialidade.
Praça Fonte Nova – José Adrião Arquimedes	Materialidade, Diversidade de usos e apropriação por parte dos usuários.	Mobiliário, escolha das matérias.	Aqui e ali; Sensorialidade.
Praça São Vicente de Paula – Estúdio Arquitetura	Formas, materialidade.	Perfêdo do topográfico.	Aqui e ali; Lugar e não lugar.
Parque central de Koper – Escritório Enola	-Criação de espaços por meio do uso do topográfico associado a elementos construtivos.	Níveis do terreno como potencialidade (projeto).	Aqui e ali; Lugar e não lugar.

4 DIAGNÓSTICO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

4.1 ASPECTOS URBANÍSTICOS

A cidade de Lagoa Seca está localizada na mesorregião agreste do estado da Paraíba, Brasil. Segundo o IBGE (2010), a cidade conta com 25.900 habitantes, área territorial de 107.603km² e uma densidade demográfica de 240,73hab/km². O município ainda se localiza na região metropolitana de Campina Grande, estando a apenas 7km do centro da cidade. O limite entre os dois municípios é caracterizado pelo avanço da construção de condomínios horizontais fechados, tendo 4 já finalizados e mais um em construção.

Figura 28 – Localização da cidade de Lagoa Seca no estado da Paraíba (mancha verde) e Campina Grande (mancha vermelha)..



Fonte: Wikipédia, modificada pelo autor.

O bairro Juracy Palhano, onde está inserido o terreno, é um bairro com pouca densidade construtiva, caracterizado por uma grande quantidade de lotes vazios e vegetação abundante. Por se localizar distante do centro urbano do seu município, e do município vizinho, o bairro apresenta características de uma área rural, com grandes propriedades que vêm dando lugar a condomínios horizontais fechados, causando grande impacto a paisagem precedente (figuras 29 e 30).

As áreas hoje ocupadas pelos CHFs eram a alguns anos atrás grandes propriedades rurais. Uma delas, denominada Haras Esmeralda, possuía características naturais de grande atrativo, com pastos extensos e cercados com animais (cavalos e bovinos). Tais atributos proporcionavam uma permeabilidade visual que se mostrava convidativa à realização de caminhadas pela área, ação que era frequentemente realizada pelos habitantes do bairro. Hoje em dia, a área correspondente ao antigo haras encontra-se totalmente bloqueada visualmente e sem nenhum tipo de atrativo, resultante da construção dos muros de um dos condomínios.

Figura 29 – Antigas propriedades hoje pertencentes aos CHFs Atmosphaera Green, Atmosphaera Eco e Giardino Bianco, Lagoa Seca - PB, antes da construção dos CHFs.



Fonte: Google Earth (2005), modificada pelo autor.

Figura 30 – Impactos físicos e visuais causados pelos CHFs Atmosphaera Green, Atmosphaera Eco e Giardino Bianco, Lagoa Seca – PB, após construção.



Fonte: Google Earth (2018), modificada pelo autor.

Figura 31 – Localização do bairro entre as cidades de Campina Grande e Lagoa Seca.



Fonte: Google Earth (2019), modificada pelo autor.

Para o seguinte estudo, foi escolhida toda a área de malha urbana próxima, pois não se trata de uma porção territorial grande, que pudesse ser beneficiada com a implantação de uma praça no contexto do bairro. Desse modo, foi realizado um levantamento urbanístico a respeito das principais características quantitativas e qualitativas da região, sintetizadas e apresentadas por meio de mapas.

Figura 32– Mapa geral da área de estudo.



Fonte: Google Earth (2019), modificada pelo autor.

A área possui uma variedade muito grande de tipologias construtivas, com casas de alto a baixo padrão, a presença de condomínios fechados e comunidades carentes de infraestrutura. Quanto aos condomínios, se destacam o Atmosphera Eco Resident e o Atmosphera Green Resident, que ocupam quase metade de toda a área de estudo.

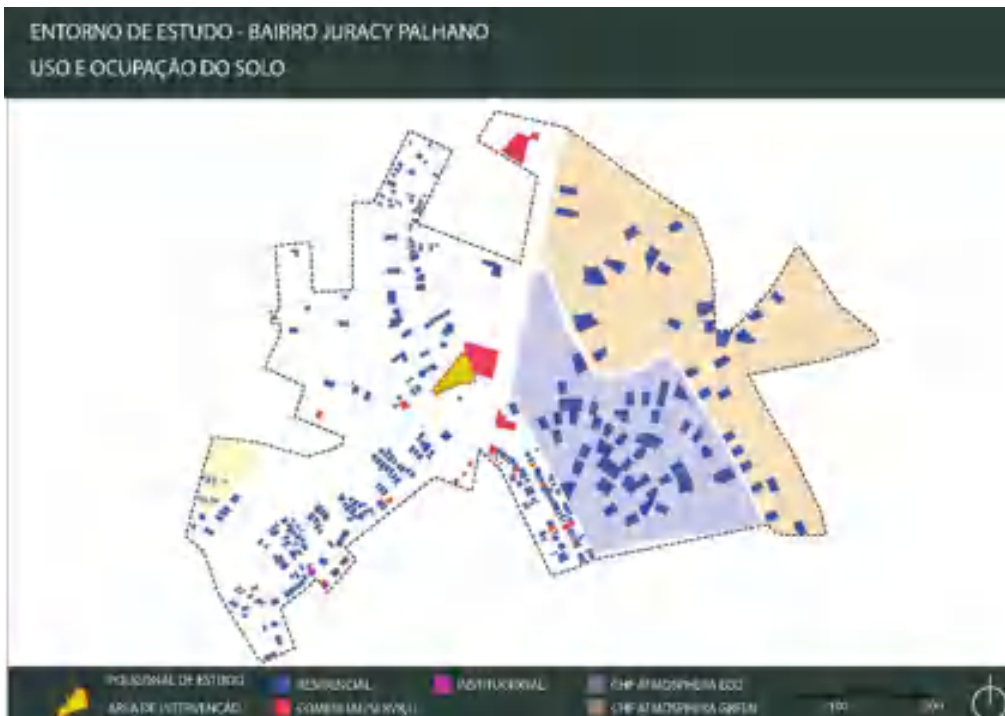
Figura 33 – Mapa de cheios e vazios.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre o uso do solo, observou-se majoritariamente a presença do uso residencial. A área ainda possui estabelecimentos comerciais como mercearias e restaurantes, uma academia, um viveiro de plantas, uma quitanda com produtos agrícolas, uma loja de artigos de artesanato e um hotel. Como já foi dito, a área possui uma grande disparidade quanto aos padrões construtivos, não se restringindo apenas a dentro e fora dos condomínios, mas no próprio bairro, como no caso dos loteamentos do lado superior esquerdo do mapa. É possível ainda encontrar dentro dos limites da área de estudo, construções de uso institucional, como uma escola de nível infantil e fundamental, e uma unidade básica de saúde familiar, recentemente construída.

Figura 34 – Uso e ocupação do solo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação à oferta de espaços livres públicos, percebeu-se que esta não supre totalmente as necessidades da comunidade local. De forma geral, esses espaços se resumem basicamente a: 3 campos de futebol de várzea, dentre os quais o principal foi substituído pela construção de um dos condomínios horizontais fechados; e ruas arborizadas que não oferecem condições adequadas ao passeio, já que possuem um desnível topográfico muito acentuado, além de um entorno com vários lotes vazios próximos que geram a sensação de insegurança, ademais das poucas casas existentes nos lotes lindeiros não oferecerem fachadas permeáveis que poderiam vir a amenizar tal sensação.

Figura 35 – Espaços livres públicos.



Fonte: Google Earth (2019), modificado pelo autor.

No que se refere ao sistema viário da área, temos uma via arterial bastante importante para a área, a BR-104, a qual é responsável por fazer a conexão entre a região de Campina Grande e o brejo paraibano; em seguida, duas vias coletoras que dão acesso à parte da zona rural mais interior ao município; e por fim, as demais vias existentes são locais, de baixo fluxo de veículos, algumas possuindo pavimentação, mas a maioria se tratando de estradas de barro.

Já em relação ao transporte público, atualmente existe apenas uma empresa de ônibus cuja linha transite entre a cidade de Campina Grande e as demais cidades do brejo paraibano. Fora essa opção, também existe o transporte alternativo que auxilia na demanda existente desse trajeto.

A área possui dois pontos de ônibus apenas, localizados a aproximadamente 100m da área destinada ao projeto da praça. Próximo a esses pontos existe uma faixa de pedestres e uma lombada redutora de velocidade, além de sinalização adequada; por outro lado, a infraestrutura adequada para o deslocamento de pedestres, como por exemplo calçadas, é inexistente.

Figura 36 – Hierarquia viária.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 37 – Transporte público.



Fonte: Google Earth (2019), modificado pelo autor.

Por fim, em relação à legislação municipal, não foi possível encontrar leis específicas que tratassem diretamente do projeto e a implementação de espaços livres públicos. Entretanto, foram consultados o código de posturas da cidade (Lei 134/2011) e a Lei nº48/2007, que diz respeito ao uso e parcelamento do solo do município. Dessa forma, foram obedecidas normas de acessibilidade referente a desníveis, rampas e escadas no projeto. Também não foi possível a coleta de dados censitários para um estudo urbanístico mais aprofundado, pois estas não se mostravam acessíveis.

4.2 ASPECTOS FÍSICOS

O terreno possui uma área total aproximada de 3620m², e possui no seu entorno 5 vias locais. Todas essas vias não possuem calçadas ou qualquer outro tipo de infraestrutura destinada a pedestres, mas possuem uma boa arborização. O interior do terreno é alheio ao passeio dos moradores, pois se trata de uma área inacessível, com muita vegetação rasteira natural e desníveis desfavoráveis ao deslocamento.

Como o levantamento topográfico da área não foi possível ser realizado, nem existiam por parte da prefeitura e do loteamento plantas que condissessem com a topografia do local, se utilizou como parâmetros medidas retiradas in loco para a realização do projeto de terraplanagem, se valendo da realidade observada no terreno. Para isso, mediram-se os desníveis da área através de uma trena a laser, que possibilitou a marcação de níveis.

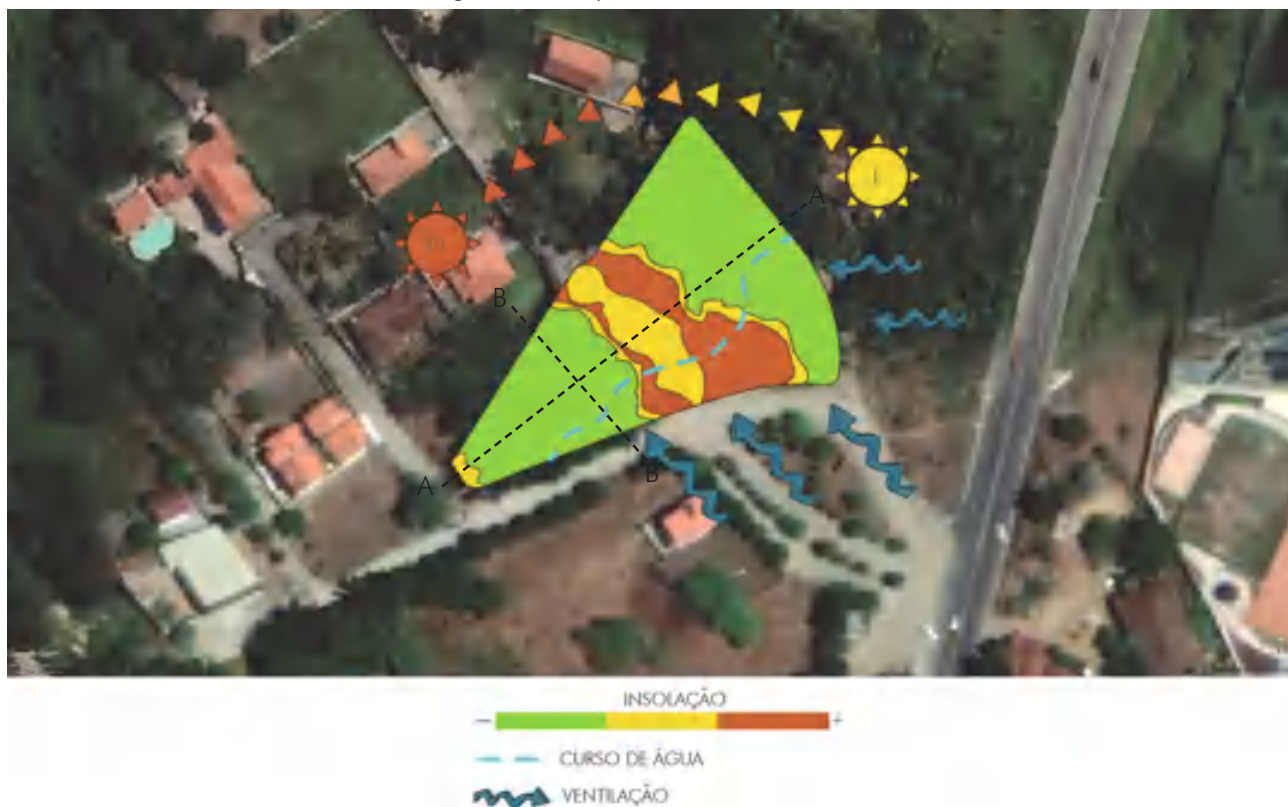
As árvores do local também tiveram suas localizações demarcadas no terreno através de medições aproximadas, através de levantamentos no local. Poucas espécies das existentes não foram possíveis de identificar.

Figura 38 – Visão geral do terreno.



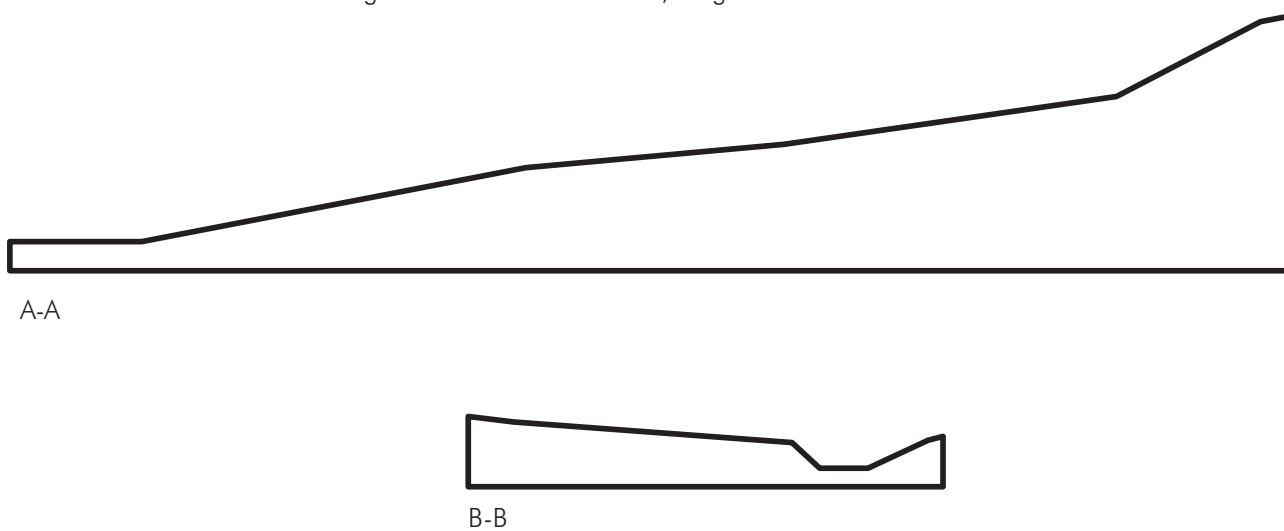
Fonte: Google Earth (2019), modificado pelo autor.

Figura 39 – Aspectos físicos do terreno.



Fonte: Google Earth (2019), modificado pelo autor.

Figura 40 – Perfis do terreno, longitudinal e transversal.



Fonte: O autor.

4.3 PROBLEMAS E POTENCIALIDADES

A pesquisa contou com visitas a área de intervenção, para se obter informações acerca dos problemas e potencialidades que são elencados e ilustrados no quadro 5 a seguir.

Quadro 6 – Problemas e potencialidades representadas por letras e fotografias por setas.



Fonte: Google Earth (2019), modificado pelo autor

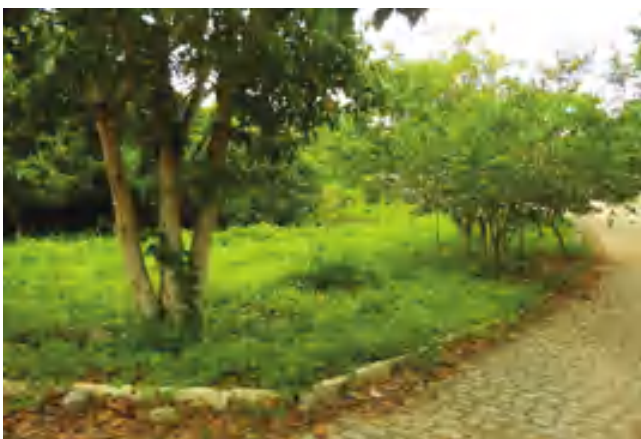
A título introdutório é válido salientar primeiramente a necessidade da introdução de um espaço livre público para a comunidade do bairro Juracy Palhano como uma potencialidade. A área passa por um processo de modificações já há alguns anos, onde terrenos próximos são adquiridos por grandes construtoras para a implantação de condomínios horizontais fechados.

A implantação desses empreendimentos acabou tomando certas áreas tidas como espaços de lazer pela comunidade, como é o caso do campo de futebol e do espaço antes ocupado por um haras, hoje pertencente aos Condomínios Atmosphaera Eco Residence e Atmosphaera Green Residence.

A inserção urbana também pode ser considerada um ponto positivo da área, é perceptível a continuidade com o tecido urbano que o desenho possui, integrando a área de intervenção com as quadras e lotes do bairro, que também está numa posição centralizada em relação as duas principais comunidades, apresentando assim outro ponto forte que é a proximidade com as mesmas.

Já quanto aos aspectos naturais do terreno, temos um curso natural de água sazonal (D) que corta a área do terreno em sua totalidade, o qual, caso bem utilizado, pode ser de grande apelo paisagístico. Além desse aspecto também observa-se uma vegetação abundante, presente em quase toda extensão da zona de intervenção (A,B,C).

Figura 41 – (1) Nível superior



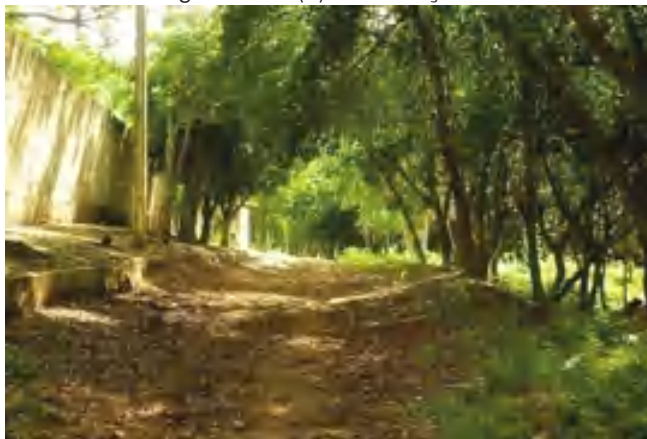
Fonte: Arquivo Pessoal/ Felipe Araújo (2019)

Figura 42 – (2) Arborização



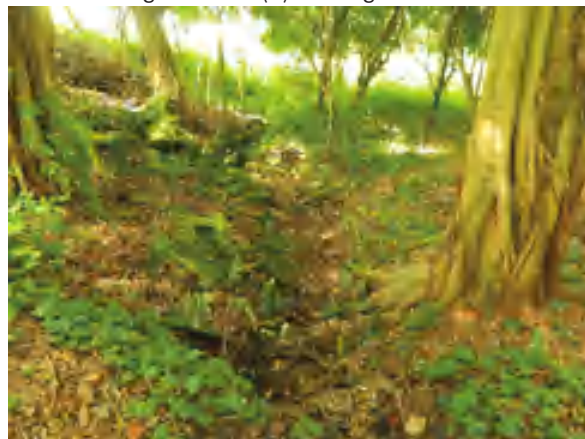
Fonte: Arquivo Pessoal/ Felipe Araújo (2019)

Figura 43 – (3) Arborização 2



Fonte: Arquivo Pessoal/ Felipe Araújo (2019)

Figura 44 – (4) Córrego natural



Fonte: Arquivo Pessoal/ Felipe Araújo (2019)

Essa vegetação se caracteriza principalmente por árvores de grande porte, com destaque a espécie *Ficus*, que possui morfologias escultóricas, com suas raízes superficiais e pendentes, e que por seu porte, juntamente com outras espécies, criam um plano de teto que protegem quem ali passa no sol, criando um microclima e uma ideia de espaço convidativa aos transeuntes.

Ademais dos aspectos já citados, também foram observados na área alguns problemas, tanto a respeito dos aspectos físicos quanto dos urbanísticos. No caso do sistema viário, a Rua Frei Damião corta transversalmente o terreno, dividindo-o em duas áreas. Essa via, por apresentar um maior movimento, torna sua permanência perigosa para os futuros usuários do espaço, além de gerar conflitos de interesse na área (Figura 41).

Se enquadrando também no problema viário, já quanto ao fluxo de pedestres, temos a BR-104 que separa a área da rua Ezequias Trajano. Essa via bastante movimentada pode representar risco à integridade física dos usuários caso haja um mal planejamento dos fluxos no que diz respeito a sinalização e limitadores de velocidade.

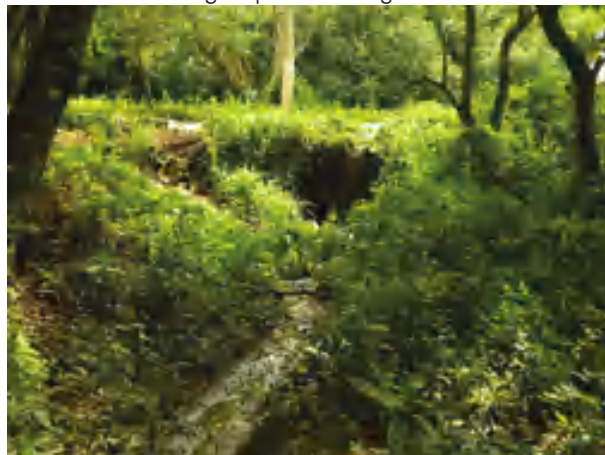
Outros problemas infraestruturais também encontrados na área foram a ausência de calçadas ou área destinada ao passeio de pedestres; iluminação ineficiente, presente em alguns espaços; e por fim, o que pode se considerar como o mais grave na área, a presença de esgoto a céu aberto (figuras 45 e 46). Além do mal cheiro e da possibilidade dessa adversidade ser vetor de doenças, percebeu-se que o seu fluxo, juntamente com o de águas pluviais, causou erosão em certas áreas do terreno (figura 46).

Figura 45 – (5) Esgoto a céu aberto.



Fonte: Arquivo Pessoal/ Felipe Araújo (2019)

Figura 46 – (6) Erosão causada pelo escoamento de água pluvial e esgoto



Fonte: Arquivo Pessoal/ Felipe Araújo (2019)

Apesar de poder ser considerada uma potencialidade, a topografia acidentada da área se mostra um desafio à acessibilidade que um espaço público necessita. Os cursos de água pluvial e de esgoto acentuaram ainda mais os níveis da topografia da área, que já era naturalmente acidentada, principalmente nas zonas 1 e 2 (fig. x). Outro desafio ao projeto seria quanto à visibilidade das áreas que se localizam em um nível inferior em relação às vias principais circundantes, o que faz com que essa porção do terreno não seja visível para quem transita na área.

Portanto, conclui-se que os problemas apresentados pela zona de estudo se mostram um desafio válido para o exercício de projeto paisagístico de uma praça, possibilitando diferentes abordagens e soluções.

4.4 MEMORIAL BOTANICO DAS ESPÉCIES EXISTENTES

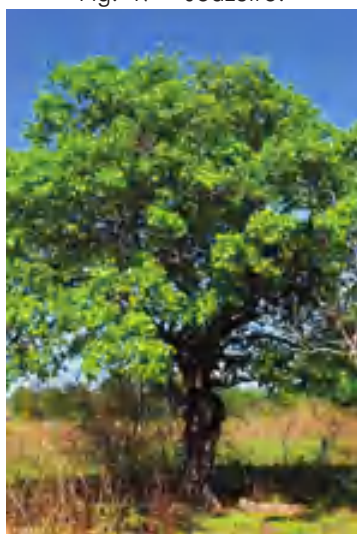
A partir da realização de levantamentos e visitas ao local, foram identificadas várias espécies pré-existentes no terreno da intervenção. A maioria dessas foram identificadas e catalogadas como mostra o quadro 6. A espécie *Ficus* sp, se apresenta como a mais numerosa da área, sendo mais da metade do total observado no local.

Outras espécies nativas como o Juazeiro (*Zizifus joazeiro*) e o cacau bravo (*Pachira aquatica*) também foram encontradas em números razoáveis. Um menor número de espécies

Quadro 7 – Memorial botânico das espécies existentes identificadas.

ESPÉCIES IDENTIFICADAS NA ÁREA				
NOME COMUM	NOME CIENTIFICO	NATIVA/EXÓTICA	PORTE	TIPOLOGIA
Azeitona preta	<i>Syzygium jambolanum</i>	Exótica	Até 12m	Árvore
Ficus	<i>Ficus beniamina</i>	Exótica	Mais de 12m	Árvore
Cacau-bravo	<i>Pachira aquatica</i>	Nativa	Até 12m	Árvore
Juazeiro	<i>Zizifus joazeiro</i>	Nativa		

Fig. 47 – Joazeiro.



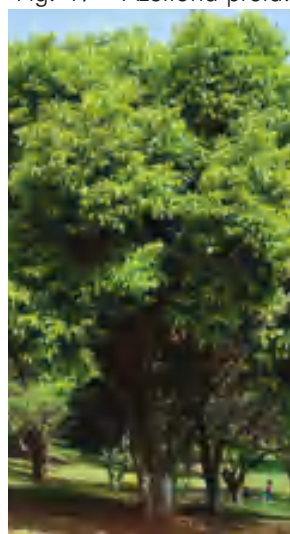
Fonte: árvores do bioma cerrado (s/a)
Araújo

Fig. 48 – Ficus.



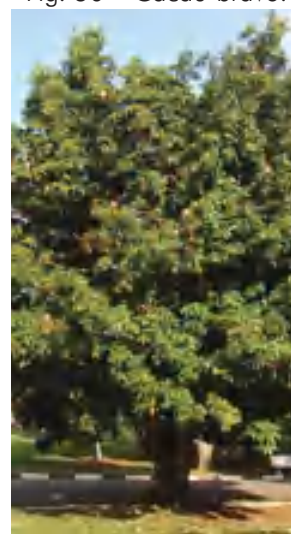
Fonte: amambainoticias.com (s/a)

Fig. 49 – Azeitona preta.



Fonte: afloraudesc.wordpress.com (s/a)

Fig. 50 – Cacau-bravo.



Fonte: commons.wikimedia.org (s/a)

5.1 ESTUDO PRELIMINAR

PASSO 1 – Das diretrizes projetuais

Observando as características do sítio, foi possível traçar objetivos para aproveitamento do potencial da área em questão. Logo, o ar de espontaneidade natural que a vegetação e os demais elementos da área apresentaram se mostrou um passo inicial a ser seguido. A proposta foi feita de tal modo a conservar essas características, dando ao espaço mais funcionalidade, sem descaracterizá-lo como espaço natural.

Figura 51 – Aspecto da área de intervenção



Fonte: Arquivo Pessoal/ Felipe Araújo (2019)

As diretrizes utilizadas estão elencadas a seguir:

- Aproveitar, quando possível, os perfis topográficos presentes no terreno;
- Potencializar elementos naturais presentes na área (árvores, curso de água);
- Preservar ao máximo as espécies vegetais pré-existentes;
- Usar de elementos encontrados no terreno (pedras);
- Propor a implantação de espécies vegetais nativas.

Quanto à materialidade, foi proposto o uso de componentes construtivos que viabilizassem a execução e manutenção dos mesmos, respeitando novamente as características da área. Para isso, o uso de materiais distintos foi proposto conforme as peculiaridades de cada local.

A seguir, as diretrizes quanto a materialidade do projeto:

- Propor materiais majoritariamente de baixa manutenção;
- Criar soluções que não agridam a vegetação e demais elementos do sítio;
- Projetar de forma a viabilizar a execução da obra construtiva e economicamente;
- Usar das características sensoriais dos elementos construtivos.

Já em relação à função social do espaço livre público, pensou-se em uma maneira de promover educação ambiental, atividades físicas e espaços que pudessem servir de encontro e lazer para a população. Para tanto, foi elaborado um programa de atividades que atendesse a essas exigências básicas.

Diretrizes referentes a função social:

- Promover a educação ambiental por meio da vegetação;
- Promover a realização de atividades físicas;
- Promover a realização de atividades educativas;
- Criar um espaço de encontro e contemplação.

PASSO 2 – do programa de necessidades e zoneamento

Essas três linhas principais de diretrizes projetuais culminaram num programa de necessidades variado, como mostrado a seguir:

Programa de necessidades:

- 5.1.1 Academia ao ar livre
- 5.1.2 Playground
- 5.1.3 Praça seca
- 5.1.4 Espaços de permanência
- 5.1.5 Praça de damas/xadrez
- 5.1.6 Jardins contemplativos temáticos

A academia surge naturalmente no projeto como uma alternativa para a promoção de atividades físicas, pois sua proposta parte de um programa do governo federal com a mesma finalidade. A praça de jogo e o playground buscam oferecer atividades educativas para uma faixa etária variada, assim como a praça seca, que permite, por sua flexibilidade, desde a realização de atividades físicas, como skate ou patins, como a realização de eventos, feiras orgânicas ou área de alimentação, através de food trucks.

No que se refere aos espaços de descanso e contemplação, esses estão intimamente ligados ao mobiliário urbano. Para que estes espaços funcionassem da melhor maneira possível, o mobiliário foi pensado como um elemento flexível e convidativo ao uso.

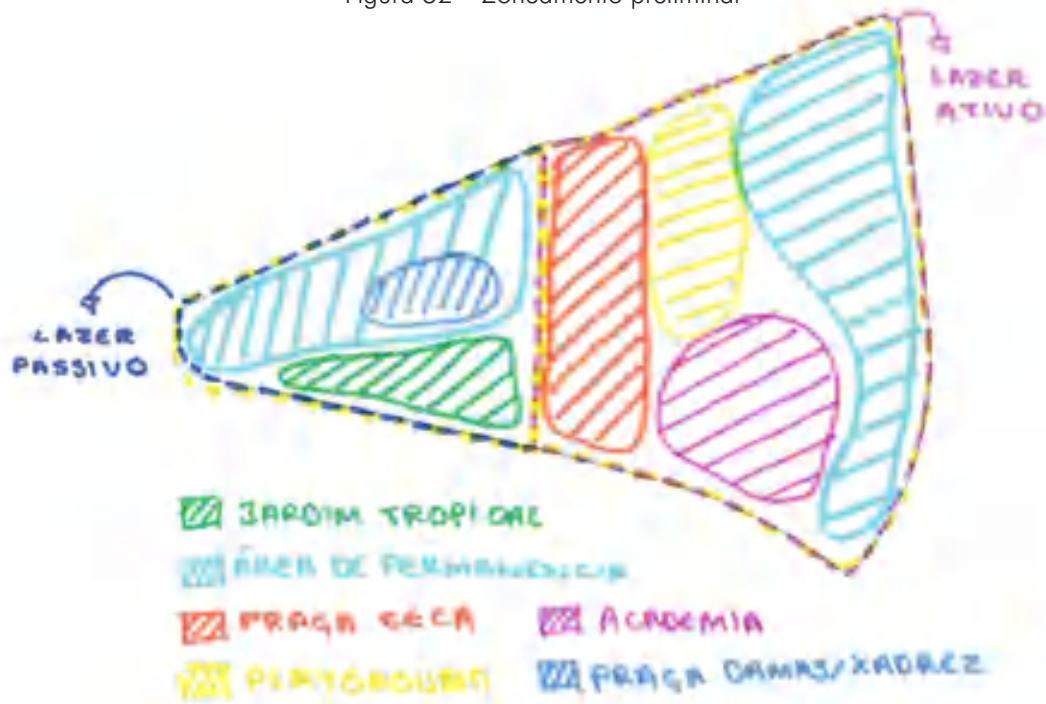
Por último, os jardins temáticos surgem como uma opção de educação ambiental, principalmente aqueles que apresentam plantas do semi-árido brasileiro, ainda pouco explorado dentro do paisagismo.

Quanto ao zoneamento, tirou-se partido do desnível do terreno, no qual cada nível foi designado para uma atividade mais condizente com sua vocação. O nível superior da praça caracteriza-se pela proximidade com a parte mais movimentada da área, pois a mesma está mais próxima da BR-104, além da presença de espaços mais abertos e amplos. Portanto, optou-se por designar a esse nível a locação das áreas de lazer ativo, como a academia ao ar livre, o playground, e a praça seca, essa última tirando partido de um trecho da rua Frei Damião.

Pela presença mais forte de incidência solar, nesse nível também foi proposto o jardim desértico. As demais áreas de permanência, com os bancos que acompanham os taludes e a mesa, foram alocados também nesse setor do projeto, só que na parte mais interior, onde havia uma presença mais forte do sombreamento pela copa das árvores.

Já no nível inferior, o qual localiza-se mais afastado da BR-104, assim como apresenta um sombreamento quase total, preferiu-se alocar os equipamentos de lazer passivo, como a praça de jogos, os demais mobiliários urbanos e um jardim temático tropical, mais exuberante que as demais áreas do projeto. Esse último se justifica pelo nível da praça que, por ser inferior, tende a acumular uma maior quantidade de águas pluviais, o que, juntamente à pouca luminosidade da área, gera o ambiente propício ao desenvolvimento das espécies do jardim em questão.

Figura 52 – Zoneamento preliminar



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 53 – Fluxos.



Fonte: Elaborado pelo autor

5.2 FERRAMENTAS PROJETUAIS

O método projetual adotado baseou-se na metodologia de ABBUD (2010), a qual refere-se à criação de ferramentas projetuais para a elaboração de projetos paisagísticos. Tais ferramentas, já discutidas anteriormente no capítulo 2, nortearam as decisões projetuais na concepção da praça pública, e sua aplicação foi auxiliada por outros conceitos também definidos pelo autor, como os diferentes planos na arquitetura paisagística, o espaço, as tipologias vegetais, tipos de copas, cores e texturas, etc.

Para ilustrar essas ferramentas, foi elaborado um quadro elencando-as com suas respectivas funções e usos dentro do presente trabalho, assim como os conceitos propostos pelo autor que vieram a auxiliar na aplicação das mesmas.

Quadro 8 – Ferramentas projetuais e seus usos na concepção do projeto

<i>FERRAMENTAS PROJETUAIS – ABBUD (2010)</i>		
<i>FERRAMENTA</i>	<i>USO</i>	<i>CONCEITOS AUXILIARES</i>
PONTOS FOCAIS	Criando com o auxílio da vegetação e elementos construtivos, hierarquias visuais, para situar o usuário quanto ao espaço ou destacar/criar algum ponto de interesse no projeto.	Plano vertical.
PASSAR ENTRE	Utilizando de elementos construídos assim como da vegetação para criar diferentes sensações ao usuário, definindo e delimitando passeios.	Planos de composição, uso de cores e texturas, maciços vegetais.
AQUI E ALI	Delimitando espaços dentro do projeto, separando diferentes usos, revelando ou escondendo elementos de interesse.	Espaço paisagístico, plano vertical.
EMOLDURAR/CAPTURAR A PAISAGEM	Integrando o projeto ao entorno, garantindo boa inserção urbana, aproveitando de elementos de interesse inseridos no contexto do lugar.	Maciços vegetais, planos de composição paisagística.

Fonte: Abbud (2010); elaborado pelo autor

Além das ferramentas supracitadas, alguns outros conceitos discutidos por ABBUD (2010) também foram introduzidos nessa etapa, os quais além de igualmente auxiliarem na aplicação das ferramentas propostas, também foram fundamentais para a elaboração do projeto paisagístico. O quadro 7 a seguir apresenta esses outros conceitos em questão e seus respectivos usos na concepção projetual.

Quadro 9 – Conceitos de projeto paisagístico auxiliares.

CONCEITOS EM PROJETO PAISAGÍSTICO

<i>CONCEITO</i>	<i>SUBCONCEITO</i>	<i>USOS</i>
LUGAR E NÃO LUGAR	LUGAR	Criar espaços de permanência.
	NÃO LUGAR	Ligar diferentes espaços através de passeios, rampas e escadas.
MORFOLOGIA VEGETAL (CORES E TEXTURAS)		Dar ao projeto uma variedade cromática e de superfícies, enriquecendo-a sensorialmente.
PLANOS VEGETAIS	PLANO DE TETO (COPAS DAS ARVORES, CARAMANCHÕES, PÉRGOLAS)	Proporcionar sombra aos usuários, além de abrigo contra chuvas, reforçando a ideia de espaço de permanência.
	PLANO VERTICAL (ÁRBUSTOS, BANCOS, ARVORETAS etc.)	Delimitar passeios, criando espaços por meio da sua utilização em perímetros, proporcionando cores e texturas e na criação de mobiliário.
	PLANO DE PISO (PLANTAS RASTEIRAS, PASSEIOS)	Conceber passeios ao projeto, assim como cores e texturas através de espécies vegetais rasteiras (grama, trapoeraba, etc.)
TIPOS DE COPAS	HORIZONTAL	Manter vegetação pré-existente, garantindo espaços de permanência protegidos contra a ação do sol.
	VERTICAL	Destacar pontos de interesse no projeto, auxiliando na criação de pontos focais.
TIPOS DE MACIÇOS	HOMOGÊNEOS	Reforçar a ideia de lugar, criando espaços únicos dentro do projeto.
	HETEROGÊNEOS	Garantir naturalidade ao projeto, seguindo os conceitos do Jardim Romântico inglês.

Fonte: Abbud (2010); elaborado pelo autor

5.3 ANTEPROJETO

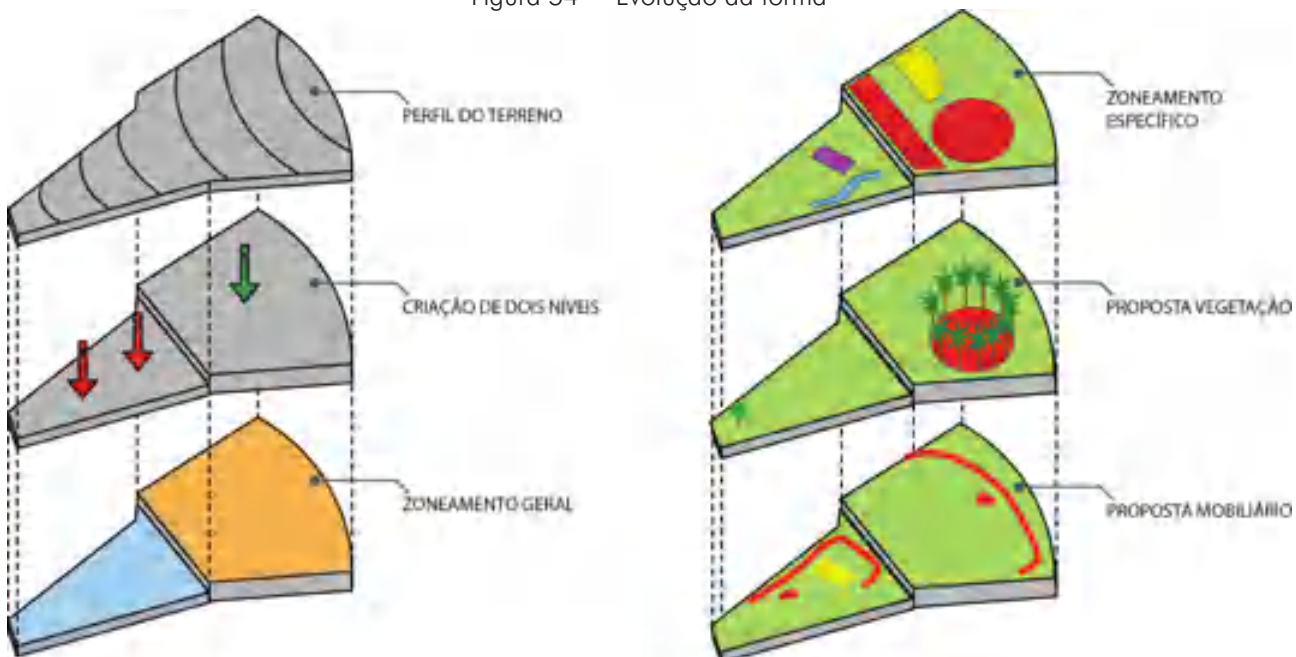
5.3.1 PARTIDO PROJETUAL

O partido projetual se deu pela característica da área, no que diz respeito a sua vegetação abundante e demais elementos que compunham o sítio, como os cursos de água e topografia, mantendo seu caráter natural através de desenhos mais orgânicos e assimétricos, sempre respeitando a vegetação pré-existente e tomando os níveis do terreno como base para a criação de lugares e não lugares, assim como na escolha de materiais construtivos.

O planejamento dos espaços partiu da definição de dois principais níveis criados a partir da topografia do terreno, separados por taludes. O nível superior apresenta majoritariamente um lazer mais ativo, enquanto o inferior se caracteriza por um espaço de permanência e contemplação. Para conter os taludes, foram introduzidos bancos sinuosos que acompanham as linhas da topografia e percorrem grande parte dos dois níveis da praça.

A parte superior do projeto (área de lazer ativo) se divide em: academia ao ar livre, playground (próximo à academia), praça seca, e área de permanência com banco e mesa, a qual oferece aos usuários encostos variáveis e espaços íntimos, individuais e coletivos. Em relação à praça seca, foi decidido suprimir um trecho da Rua Frei Damião, pois este cortava a área da praça e a dividia em duas partes. Logo, preferiu-se integrar as duas áreas, criando assim um "calçadão", no qual, por mais que ainda seja permitida a circulação de veículos leves (exclusivamente "food trucks"), a prioridade será dada ao pedestre.

Figura 54 – Evolução da forma



Fonte: Elaborado pelo autor

Já a parte inferior (área de lazer passivo) também conta com bancos e mesas com as mesmas características anteriores, com o diferencial do jogo de alturas no banco, o que o torna um elemento cênico e lúdico, pois cria uma dinâmica e emoldura a vegetação tropical, convidando à permanência dos usuários. Além desses elementos, a área possui uma praça de mesas com tabuleiros de dama/xadrez, um jardim temático tropical e um córrego natural, o qual se trata de

uma porção erodida do terreno causada por um curso de água e esgoto. Para este elemento, foi proposta no projeto a canalização do esgoto e a introdução de rochas e vegetação, acentuando o seu caráter natural. No tópico seguinte serão apresentados os espaços e mobiliários urbanos propostos, com suas respectivas características.

5.4 MEMORIAL JUSTIFICATIVO

A PRAÇA: Quanto ao nome adotado para o projeto, a palavra 'Guabiraba' diz respeito a uma das nomenclaturas em que é conhecida informalmente a região onde está localizado o bairro Juracy Palhano, além de ser o nome de origem tupi-guarani que também designa a espécie arbórea do gênero *Campomanesia*, nativa do Brasil.

BANCOS: Os bancos podem ser considerados os elementos de destaque dentro do projeto. Esses criam na paisagem uma surpresa aos usuários e pontuam linearmente o espaço, criando contraste e dinamicidade a área, além de trazerem consigo valores funcionais e estéticos (Figuras 55 e 56).

Figura 55 – Visão do banco ao longo do projeto.



Fonte: Elaborado pelo autor

MESAS: Esses itens, além de se apresentarem como uma forma escultórica dentro do projeto, criam espaços funcionais de permanência, criando um jogo com a vegetação pré-existente, passando a idéia de adaptabilidade e mostrando que é possível usar de tais elementos, que poderiam ser considerados limitantes (Figuras 56 e 57).

Figura 56 – Visão da mesa no nível superior da praça.



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 57 – Visão da mesa no nível inferior da praça.



Fonte: Elaborado pelo autor

ACADEMIA AO AR LIVRE: Quanto a concepção desse espaço, foi tomado como partido a ferramenta do “aqui e ali”, primeiro por meio da diferenciação de cores entre os pisos dessa área com as demais, e segundo por meio da escolha da espécie vegetal, que acompanha o contorno do desenho e por meio de palmeiras (*Copernicia marítima*), delimita o espaço, sem por isso segregar físico e visualmente a área, criando por meio do fuste da espécie um plano vertical bastante permeável visualmente, e por meio do plano de teto, que compõe com a abobada celeste um interessante visual para quem adentra nessa área (Figura 58).

Figura 58 – Academia ao ar livre.



Fonte: Elaborado pelo autor

PLAYGROUND: É delimitado por passeios e possui um piso condizente com seu uso, o cascalho granítico. Optou-se por estender a área do playground para o nível inferior da praça através do uso de escorregadores, que aproveitam a inclinação existente nos taludes, e se conectam à área por meio de um desenho de piso lúdico da praça, sugerindo uma interação com o espaço, tanto para adultos como para crianças.

JARDIM DESÉRTICO: Entra no projeto como uma ferramenta de educação ambiental, exibindo espécies da região semi-árida, destacando informações e peculiaridades de cada uma delas através de plaquinhas de identificação. Além disso, também compõe o espaço de forma harmônica, com a presença de pedras, cores e texturas diversas (Figura 59).

PRAÇA SECA: Esse espaço corresponde a uma área livre pavimentada de uso flexível, apresentando a possibilidade de se tornar uma praça de food trucks, além de permitir diversas atividades como skate, patins, exposições de filmes, shows, etc (Figura 59).

Figura 59 – Praça Seca e jardim desértico



Fonte: Elaborado pelo autor

PRAÇA DE DAMAS/XADREZ: Esse espaço além de servir de apoio como praça de alimentação, para a área dos food trucks, conta com mesas cimentícias com tabuleiro de ladrilhos, oferecendo a população um espaço lúdico e funcional. Nesse espaço optou-se por diferenciação de piso, tanto no material quanto na cor, e na composição com canteiros, reforçando a idéia de lugar (Figura 60).

Figura 60 – Praça de xadrez em meio a canteiros com composições variadas.



Fonte: Elaborado pelo autor

JARDIM DE PEDRAS: Nesse espaço se encontra uma composição diferenciada, no intuito de criar um ponto focal para a área. Para tanto se utilizou de um plano de piso em pedras nas cores branco e preto, e a introdução de um exemplar de jasmim manga (*Plumeria rubra*), pela sua característica escultural, além das propriedades olfativas, explorando mais um dos sentidos do ser humano para o projeto paisagístico.

COMPOSIÇÃO COM OS PLANOS VEGETAIS: Foi preservado todo plano de teto da área, que é composto por espécies vegetais de grande porte como figueiras (*Ficus sp.*), Oliveiras (*Syzygiumcumini*), e espécies da região como Juazeiros (*Ziziphusjoazeiro*), tendo como única

modificação nessas espécies a poda de galhos mais baixos, no intuito de proteger os usuários e ampliar virtualmente o espaço abaixo dessas copas.

Em relação à introdução de novas espécies, devido ao fato da área possuir um curso de água natural, e ser bastante úmida por se encontrar abaixo do nível das ruas circundantes, foi proposto um jardim de espécies tropicais, as quais auxiliadas pela sombra das copas e pela umidade da área, encontrarão um local propício para seu desenvolvimento. Esse plano vertical e horizontal de vegetação cobre os taludes, evitando a erosão desses elementos, além de compor, através de texturas e cores, os canteiros que acompanham os passeios, usando da ferramenta “passar entre” para gerar em quem transitar pelo local diferentes sensações, hora mais aberta, hora mais fechada, despertando os sentidos.

Figura 61 – Passeios entre canteiros com diferentes espécies.



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 62 – Jardim temático tropical no nível inferior da praça.

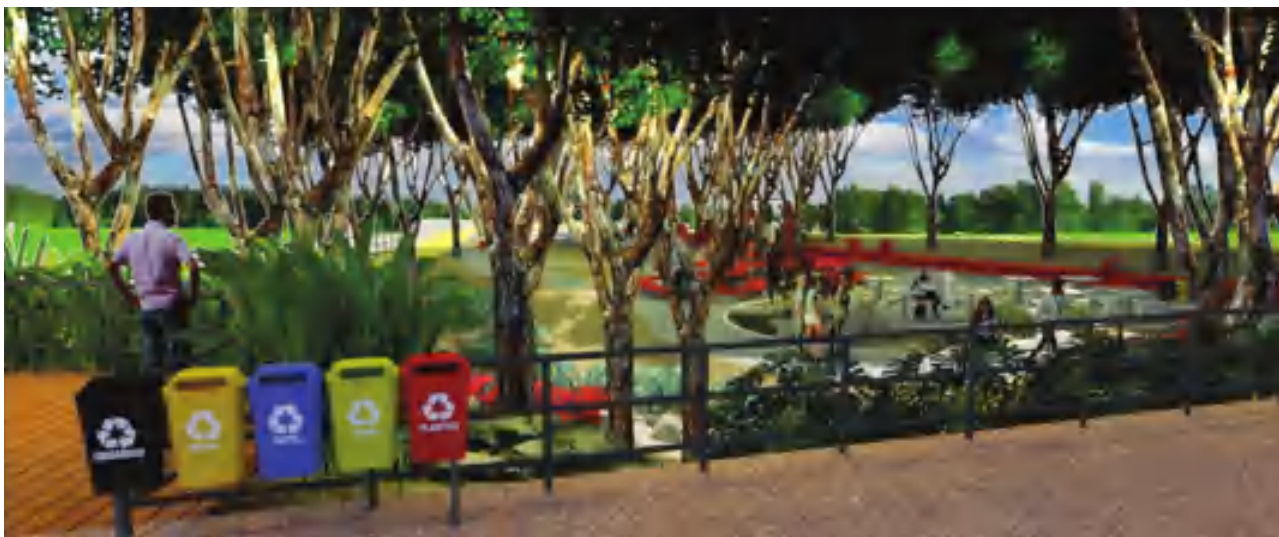


Fonte: Elaborado pelo autor

Nas demais áreas de taludes, foram introduzidas trapoerabas (*Tradescantia zebrina*), que são uma espécie de forração escolhida para essa área tanto pela sua adaptabilidade em relação às condições da região, quanto pelo seu apelo estético, proporcionando à superfície dos taludes cores e texturas que vão se alternando à medida que o observador passa, tornando o ambiente mais interessante.

No que diz respeito ao plano vertical de composição, as helicônias (*Heliconia sp.*) com outras plantas arbustivas como Costela-de-adão (*Monstera deliciosa*) e Xanadu (*Philodendron xanadu*), criam planos variados em cores, formas e texturas. A introdução de rochas na composição do projeto, provenientes em parte da terraplanagem da área, também criam marcos verticais que conferem aos espaços um tom de naturalidade, e que, junto com as plantas, criam interessantes composições, principalmente aliadas às espécies de bromélias.

Figura 63 – Composições com Helicônias e Costelas-de-adão.



Fonte: Elaborado pelo autor

MATERIALIDADE: Para o projeto, optou-se por construções cimentícias e matérias primas brutas que facilitassem sua execução. Para os passeios com traçados mais livres, optou-se pela utilização de cascalho granítico, tanto pela sua propriedade drenante (não permite o acúmulo de água nas áreas do terreno localizadas no nível abaixo das ruas), como pelo diferencial tátil, despertando o sentido dos usuários ao toque com os pés. Nos demais componentes construtivos, foi utilizado concreto armado (bancos e mesas) e lajes pré-moldadas nas calçadas. Essas foram pensadas de forma a não danificar a vegetação já existente e vice-versa, logo, escolheu-se elevar as calçadas em relação ao nível do solo, criando um balanço nesses percursos, que são arrematados pela implantação de espécies arbustivas, conferindo leveza ao passeio.

Em relação ao uso de cascalho granítico, este se justifica devido à preexistência abundante da espécie fícus (*Ficus sp*) no interior dos dois níveis do projeto. A escolha desse material facilita a execução de formas mais orgânicas, pois o cascalho não necessita de recortes, como intertravados ou outros tipos de pedras; além disso, tal escolha evita futuros problemas de infraestrutura, já que são freqüentes os casos de raízes de fícus que danificam calçadas e pisos em geral.

No que se refere às cores, estas estão presentes no mobiliário (mesas e bancos) e na pavimentação. Duas cores principais e complementares foram escolhidas. O vermelho está presente nos bancos, nas mesas e pavimentação da praça seca e da academia. O amarelo, na pavimentação das calçadas com intertravados e placas cimentícias. A cor vermelha aplicada aos bancos cria um contraste com o verde abundante da vegetação, tornando-o um elemento de destaque dentro do projeto, sendo arrematado à noite por meio de spot lights sob os assentos (iluminação indireta), dando à construção um ar cênico.

Figura 64 – Visão geral do nível superior da praça.



Fonte: Elaborado pelo autor

Cabe ressaltar, no contexto da construção de condomínios horizontais fechados na zona rural de municípios paraibanos, a responsabilidade dos órgãos públicos municipais de regulamentar e ordenar a ocupação de suas bordas urbanas de forma adequada, incluindo as comunidades por meio do planejamento participativo para elaboração dos planos urbanísticos, gerando assim a possibilidade de um acordo entre as partes, onde as mesmas possam ser devidamente beneficiadas, diminuindo então os impactos causados por esses e outros tipos de empreendimento.

Com o resultado obtido, é possível concluir que a metodologia projetual desenvolvida por Abbud (2010) se mostra como uma importante ferramenta na concepção de um projeto paisagístico. Essas auxiliam na composição de espaços sensorialmente ricos, que proporcionam aos usuários uma maior relação com o ambiente no qual está inserido.

A criação dessa experiência sensorial torna o espaço público mais convidativo ao uso, conseqüentemente atraindo usuários, incentivando ao convívio social, à prática de exercícios e ao contato com a natureza, atividades essas que são vitais na manutenção do bem-estar físico e psicológico do homem, tão importante no contexto urbano atual.

ABUDD, Benedito. Criando Paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

ALBINO, Bianca Cristina Alves. Antemuros: Análise de processos de expansão urbana fragmentada em Campina Grande-PB. 2016. TCC (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016.

AQUI e ali. Criando Paisagens. YouTube. 20 de maio de 2019. 04min23s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rhu7nfb0e8I&t=3s>>. Acesso em: 20/05/2019.

COMO enquadrar a paisagem. Criando Paisagens. YouTube. 7 de maio de 2019. 03min24s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6G-c8rkYFul>>. Acesso em 07/05/2019.

COMPOSIÇÃO com cor das folhas. Criando Paisagens. YouTube. 11 de janeiro de 2019. 06min30s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gEzmfRhDP8o>>. Acesso em 19/02/2019.

LAGOA SECA. Lei 48/2007. Maio de 2007. Disponível em: <<http://www.lagoaseca.pb.gov.br/pdf/ba7c020bab404b1623f83f1a710a2b28.pdf>> Acesso em: 10/04/2019

LAGOA SECA. Lei 134/2011. Projeto do código de posturas de Lagoa Seca. Maio de 2011. Disponível em: <<http://www.lagoaseca.pb.gov.br/pdf/c1515575d57a00e4d354c-3107b69ee0a.pdf>>. Acesso em: 26/02/19.

LONDE, P.R., MENDONÇA, M. das G. Espaços livres públicos: relações entre meio ambiente, função social e mobilidade urbana. Caminhos da geografia, v.15, n.49, Março de 2014. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/>>. Acesso em 17/02/2019.

MACEDO, Silvio S. Parques Urbanos no Brasil – Brazilian Urban Parks, 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MARUYAMA, Miua Cíntia; RAMMÉ, Juliana. Roteiro para projeto paisagístico de espaços urbanos abertos: estudo de caso do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNOCHAPECÓ. Anais do XII Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, [S.l.]. Vitória: UFES, ago. 2014. Disponível em: <<http://enepea2014.wix.com/enepea>>. Acesso em: 11/04/19.

O QUE são ferramentas de inspiração no paisagismo. Criando Paisagens. YouTube. 29 de abril de 2019. 03min18s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RJKh2xt9t7o>>. Acesso em 29/04/2019.

PANZINI, Franco. *Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

PARQUE central de Koper / Enota. Archdaily Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/915059/parque-central-de-koper-enota>>. Acesso em 07/05/2019.

PARQUE Red Ribbon/Turenscape. Archdaily Brasil, 2013. Disponível em < https://www.archdaily.com.br/br/01-156629/parque-red-ribbon-slash-turenscape?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user >. Acesso em 06/05/2019.

PASSAR entre. Criando Paisagens. YouTube. 28 de maio de 2019. 04min10s. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Cxy6sUWY4JI>>. Acesso em 30/05/2019.

PEREIRA, Matheus. Elementos chaves no paisagismo: marcos visuais, eixos, escalas, visadas e sensorialidade. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/890013/elementos-chave-de-paisagismo-marcos-visuais-eixos-escalas-visadas-e-sensorialidade>> Acesso em: 17/03/2019.

PERÍODO DAS LUZES. Disponível em: <<https://descomplica.com.br/blog/resumo/o-que-foi-o-seculo-das-luzes/index.php/salaconhecimento/article/view/2314>>. Acesso em: 24 de abril de 2019.

PONTO FOCAL: enriqueça o trajeto do seu jardim. Criando Paisagens. YouTube. 02 de maio de 2019. 02min30s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qg8CGpV0QdQ>>. Acesso em 03/05/2019.

PRAÇA Fonte Nova / José Adrião Arquitetos. 2018. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/891211/praca-fonte-nova-jose-adriao-arquitetos>> Acesso em: 05/05/2019.

PRAÇA São Vicente de Paula. Galeria da arquitetura, 2019. Disponível em < https://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/estudio-arquitetura_/praca-sao-vicente-de-paula/576 >. Acesso em 07 de maio, às 8:45.

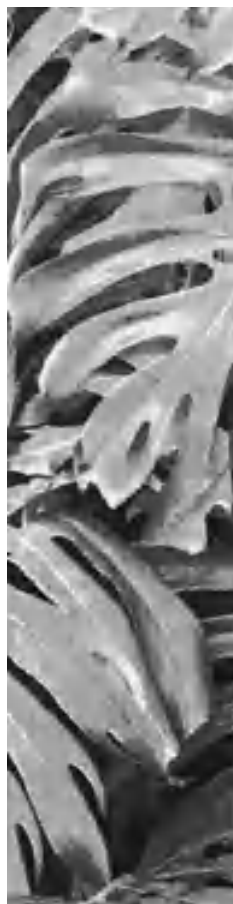
RICHTER, Elenir Maria. *Espaços Públicos Urbanos - um breve histórico*. Salão do Conhecimento, [S.l.], ago. 2013. Disponível em: <<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/>

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio S. *Praças Brasileiras – Public Squares in Brazil*, 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA, Maria Fernanda Oliveira da. *Bordas Urbanas: os impactos dos condomínios fechados em Bananeiras-PB*. 2018. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2018.



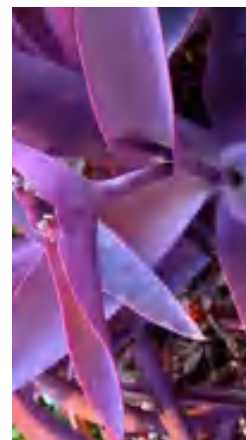
MEMORIAL BOTANICO



PRAÇA DA GUABIRABA



PLANO DE PISO



NOME CIENTÍFICO:

Portulaca grandiflora

NOMES POPULARES:

onze-horas

FAMÍLIA:

Portulacaceae

CATEGORIA:

Forração

CLIMA: Equatorial, Subtropical, Tropical

ORIGEM: América do Sul

ALTURA: até 0.15 m

LUMINOSIDADE: Sol Pleno

CICLO DA VIDA:

Perene

NOME CIENTÍFICO:

Arachis repens

NOMES POPULARES:

Grama-amendoim, Amendoim-forrageiro, Amendoim-rasteiro, Amendoinzinho

FAMÍLIA: Fabaceae

CATEGORIA: Forrações

es à Meia Sombra, Forrações ao Sol Pleno

CLIMA: Equatorial, Subtropical, Tropical

ORIGEM: América do Sul, Brasil

ALTURA: 0.1 a 0.3 m

LUMINOSIDADE:

Meia Sombra, Sol Pleno

CICLO DE VIDA:

Perene

NOME CIENTÍFICO:

Tradescantia zebrina

NOMES POPULARES:

Lambari, Judeu-errante, Trapoeraba-roxa, Trapoeraba-zebra

FAMÍLIA:

Commelinaceae

CATEGORIA:

Folhagens, Forrações à Meia Sombra

CLIMA: Equatorial, Oceânico, Subtropical, Tropical

ORIGEM: América do Norte, México

ALTURA: 0.3 a 0.4 m, 0.4 a 0.6 m

LUMINOSIDADE: Luz Difusa, Meia Sombra

CICLO DE VIDA:

Perene

NOME CIENTÍFICO:

Tradescantia pallida

NOMES POPULARES:

trapoeraba-roxa, coração-roxo

FAMÍLIA:

Commelinaceae

CATEGORIA:

Forrações ao Sol Pleno

CLIMA: Equatorial, Subtropical, Tropical

ORIGEM:

América do Norte

ALTURA: 0.3 a 0.4m

LUMINOSIDADE:

Sol pleno

CICLO DA VIDA:

Perene

NOME CIENTÍFICO:

Tradescantia

spathacea

NOMES POPULARES:

abacaxi-roxo, moisés-do-berço

FAMÍLIA:

Commeliaceae

CATEGORIA:

Forrações a sol pleno

CLIMA: Equatorial, Subtropical, Tropical

ORIGEM: América Central, América do Norte

ALTURA: 0.1 a 0.4 m

LUMINOSIDADE:

Meia Sombra, Sol Pleno

CICLO DE VIDA:

Perene

JARDIM DESÉRTICO



NOME CIENTÍFICO:

Melocactus zehntneri

NOMES POPULARES:

Coroa-de-frade,
Cabeça-de-frade

FAMÍLIA: Cactaceae

CATEGORIA: Cactus
e Suculentas

CLIMA: Equatorial,
Semi-árido, Tropical

ORIGEM: América do
Sul, Brasil

ALTURA: 0.1 a 0.3 m,
0.3 a 0.4 m, menos
de 15 cm

LUMINOSIDADE:

Meia Sombra, Sol
Pleno

CICLO DE

VIDA: Perene

NOME CIENTÍFICO:

Pilosocepeus Gounellei

NOMES POPULARES:

Xique-xique

FAMÍLIA:

Cactaceae

CATEGORIA:

Arbustivo, desértico

CLIMA: Semi-árido

ORIGEM: Brasil

ALTURA: até 1 m

LUMINOSIDADE:

Sol Pleno

CICLO DA VIDA:

Perene

NOME CIENTÍFICO:

Pilosocepeus

Pachychadus

NOMES POPULARES:

Facheiro

FAMÍLIA: *Cactaceae*

CATEGORIA:

Arbustivo, desértico

CLIMA: Semi-árido

ORIGEM: Brasil

ALTURA: até 8 m

LUMINOSIDADE:

Sol Pleno

CICLO DA VIDA:

Perene

NOME CIENTÍFICO:

Cereus jamacaru

NOMES POPULARES:

Mandacaru, facheiro

FAMÍLIA:

Cactaceae

CATEGORIA:

Arbustivo, cacto

CLIMA: Semi-árido

ORIGEM: América
do Sul, Brasil

ALTURA: até 6 m

LUMINOSIDADE:

Sol Pleno

CICLO DA VIDA:

Perene

NOME CIENTÍFICO:

Bromélia lasciniosa

NOMES POPULARES:

macambira

FAMÍLIA:

Bromeliaceae

CATEGORIA:

Arbustivo

CLIMA: Semi-árido

ORIGEM: Brasil

ALTURA: até 1 m

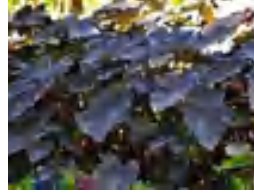
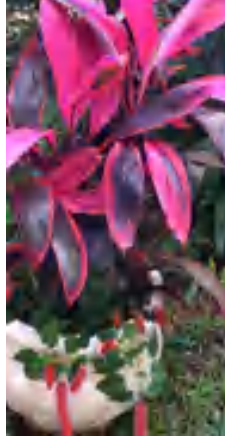
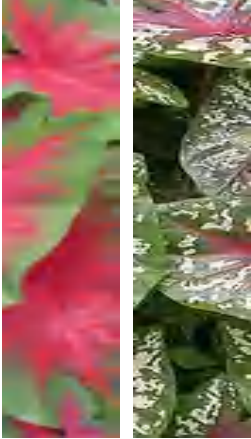
LUMINOSIDADE:

Sol Pleno

CICLO DA VIDA:

Perene

PLANO VERTICAL



NOME CIENTÍFICO:

Calladium sp.

NOMES

POPULARES:

Caládio, Coração-de-Jesus, Tajá

FAMÍLIA: Araceae

CATEGORIA:

Arbusto, forração

CLIMA: Subtropical,

Temperado, Tropical

ORIGEM: América

Central, América do sul

ALTURA: 0,30 a

0,60 m

LUMINOSIDADE: Luz difusa, meia-sombra

CICLO DA VIDA:

Perene

NOME CIENTÍFICO:

Cordyline fruticosa

NOMES POPULARES:

árvore de vênus, coqueiro de vênus

FAMÍLIA:

Asparagaceae

CATEGORIA:

Arbusto, plano vertical

CLIMA: Equatorial,

Subtropical, Tropical

ORIGEM: Ásia,

Oceania

ALTURA: até 3 metros

LUMINOSIDADE:

Meia sombra, Sol

Pleno

CICLO DA VIDA:

Perene

NOME CIENTÍFICO:

Colocasia esculenta

NOMES

POPULARES:

inhame-roxo, taro

FAMÍLIA: Araceae

CATEGORIA:

Arbustos,

CLIMA: Tropical

ORIGEM: Ásia

ALTURA: até 0.9 1m

LUMINOSIDADE:

Meia sombra, sol pleno

CICLO DE VIDA:

Perene

NOME CIENTÍFICO:

Monstera deliciosa

NOMES

POPULARES:

Costela-de-adão,

Abacaxi-do-reino,

Banana-do-mato

FAMÍLIA: Araceae

CATEGORIA:

Trepadeiras

CLIMA: Equatorial,

Subtropical, Tropical

ORIGEM:

América central

ALTURA: 3.0 a

6.0, 6.0 a 9.0

m, 9.0 a 12 m

LUMINOSIDADE:

Meia Sombra

CICLO DA VIDA:

Perene

NOME CIENTÍFICO:

Philodendron imbe

NOMES

POPULARES:

Imbé, filodendro

FAMÍLIA: Araceae

CATEGORIA:

Arbusto, Forrações,

plano vertical

CLIMA: Tropical

ORIGEM: América

Central

ALTURA: 0.30 a 4m

LUMINOSIDADE:

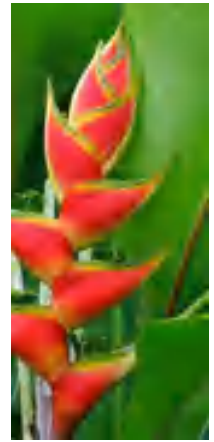
Meia Sombra,

sombra

CICLO DA VIDA:

Perene

PLANO VERTICAL



NOME CIENTÍFICO: *Philodendron xanadu*
NOMES POPULARES: Xanadu, Filodendro-xanadu
FAMÍLIA: Araceae
CATEGORIA: Arbustos Tropicais, Folhagens, Plantas Tóxicas
CLIMA: Equatorial, Oceânico, Equatorial, Subtropical, Tropical.
ORIGEM: América do Sul, Brasil
ALTURA: 0.6 a 0.9, 0.9 a 1.2 m
LUMINOSIDADE: Luz difusa, Meia Sombra, Sombra
CICLO DE VIDA: Perene

NOME CIENTÍFICO: *Dracaena variegata*
NOMES POPULARES: Dracena, dragoeiro
FAMÍLIA: Asparagaceae
CATEGORIA: Arbusto, plano vertical
CLIMA: Equatorial, Subtropical, Tropical
ORIGEM: África
ALTURA: até 9 m
LUMINOSIDADE: Meia Sombra, Sol Pleno
CICLO DA VIDA: Perene

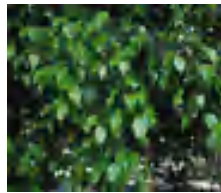
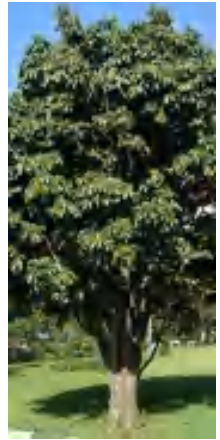
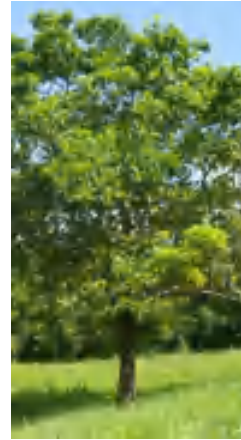
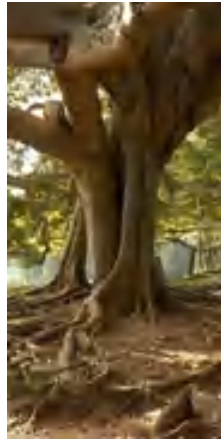
NOME CIENTÍFICO: *Ananas bracteatus*
NOMES POPULARES: Abacaxi-ornamental, abacaxi vermelho
FAMÍLIA: Bromeliaceae
CATEGORIA: Arbusto, plano vertical
CLIMA: Equatorial, Subtropical, Tropical
ORIGEM: Brasil
ALTURA: até 0.9 m
LUMINOSIDADE: Sol Pleno
CICLO DA VIDA: Perene

NOME CIENTÍFICO: *Sansevieria trifasciata*
NOMES POPULARES: Espada-de-são-jorge, Língua-de-sogra, Rabo-de-lagarto, Sansevéria
FAMÍLIA: Asparagaceae
CATEGORIA: Arbustiva, Folhagens meia sombra
CLIMA: Equatorial, Subtropical, Tropical
ORIGEM: : África
ALTURA: : 0.4 a 0.6 m, 0.6 a 0.9 m
LUMINOSIDADE: Meia Sombra, Sol Pleno
CICLO DA VIDA: Perene

NOME CIENTÍFICO: *Aechmea blanchetiana*
NOMES POPULARES: gravatá, bromélia-porto-seguro
FAMÍLIA: Bromeliaceae
CATEGORIA: Arbusto, plano vertical
CLIMA: Equatorial, Subtropical, Tropical
ORIGEM: Brasil
ALTURA: até 0.9 m
LUMINOSIDADE: Meia Sombra, Sol Pleno
CICLO DA VIDA: Perene

NOME CIENTÍFICO: *Heliconia sp.*
NOMES POPULARES: helicônia
FAMÍLIA: Heliconiaceae
CATEGORIA: Arbustiva
CLIMA: Subtropical, Tropical
ORIGEM: América do Sul, Brasil
ALTURA: até 2m
LUMINOSIDADE: Meia Sombra, luz difusa, sol pleno
CICLO DA VIDA: Perene

PLANO DE TETO



NOME CIENTÍFICO:
Plumeria rubra
NOMES POPULARES:
Jasmim-manga, pluméria
FAMÍLIA:
Apocynaceae
CATEGORIA:
Arbusto, arvoretas
CLIMA:
Equatorial, Subtropical, Tropical

NOME CIENTÍFICO:
Ziziphus joazeiro
NOMES POPULARES:
Juazeiro, joá, laranjeira-de-vaqueiro, juá-fruta, juá e juá-espinho
FAMÍLIA:
Rhamnaceae
CATEGORIA:
Árvores
CLIMA: Semi-árido
ORIGEM: Brasil, Semi-árido
ALTURA: até 15 m
LUMINOSIDADE:
Sol Pleno
CICLO DE VIDA:
Perene

NOME CIENTÍFICO:
Ficus benjamina
NOMES POPULARES: Ficus, Fico, Fico-chorão, Figueira, Figueira-benjamins
FAMÍLIA: Moraceae
CATEGORIA: Arbustos, Arbustos Tropicais, Árvores, Árvores Ornamentais, Bonsai, Cercas Vivas
CLIMA: Equatorial, Subtropical, Tropical
ORIGEM: Ásia
ALTURA: acima de 12 m
LUMINOSIDADE: Meia Sombra, Sol Pleno
CICLO DE VIDA: Perene

NOME CIENTÍFICO:
Copernicia maritima
NOMES POPULARES: Palmeira-sabal
FAMÍLIA: Arecaceae
CATEGORIA: Árvore
CLIMA: Subtropical
ORIGEM: América Central
ALTURA: até 14 m
LUMINOSIDADE: Sol Pleno
CICLO DA VIDA: Perene

NOME CIENTÍFICO:
Syzygium jambolanum
NOMES POPULARES: Jambolão, Azeitona, Azeitona-da-terra, Baga-de-freira, Guape, Jalão, Jambuú, Jamelão
FAMÍLIA: Myrtaceae
CATEGORIA: Árvores, Árvores Frutíferas
CLIMA: Continental, Equatorial, Subtropical, Tropical
ORIGEM: Ásia, Índia
ALTURA: acima de 12 metros
LUMINOSIDADE: Sol Pleno
CICLO DE VIDA: Perene

NOME CIENTÍFICO:
Pachira aquatica
NOMES POPULARES: Munguba, Cacau-selvagem, Castanheira-da-água, Castanheiro-do-maranhão, Falso-cacau, Mamorana, Monguba
FAMÍLIA: Bombacaceae
CATEGORIA: Árvores
Árvores Frutíferas, Árvores Ornamentais
CLIMA: Equatorial, Subtropical, Tropical
ORIGEM: América Central, América do Sul
ALTURA: Até 12 m
LUMINOSIDADE: Sol Pleno
CICLO DE VIDA: Perene



99.63



1 PLANTA BAIXA PISOS
 ESCALA 1/200

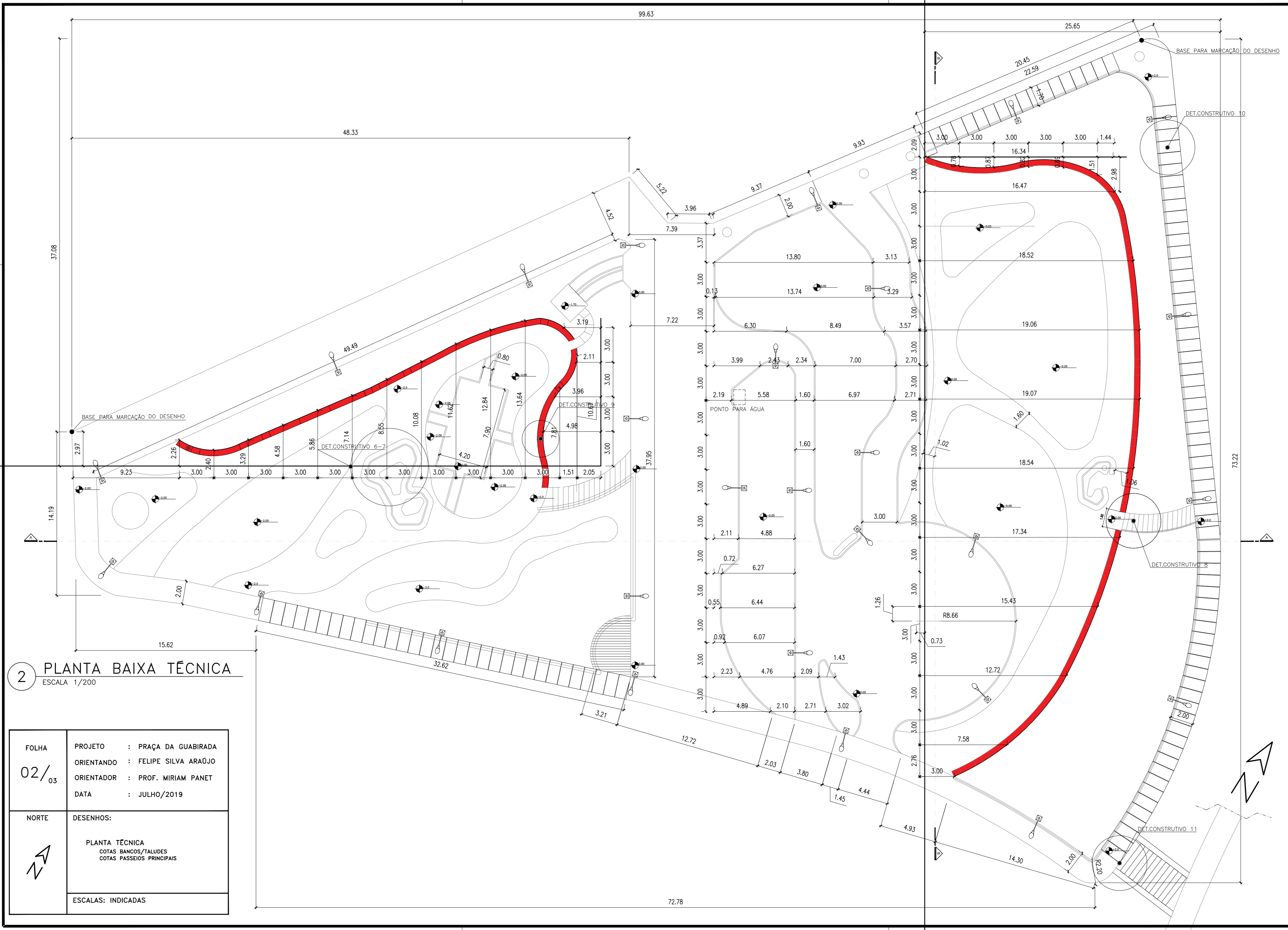
FOLHA	PROJETO : PRAÇA DA GUABIRADA
02/04	ORIENTANDO : FELIPE SILVA ARAÚJO
	ORIENTADOR : PROF. MIRIAM PANET
	DATA : JULHO/2019
NORTE	DESENHOS:
	PLANTA BAIXA
	ESCALAS: INDICADAS

- | | |
|-------------------|------------------|
| XANADU | INHAME-ROXO |
| TRAPOERABA-ROXA | MACAMBIRA |
| FILODENDRO | BROMÉLIA |
| ONZE-HORAS | BROMÉLIA GRAVATA |
| GRAMA AMENDOIM | JASMIM-MANGA |
| ÁRVORE-DE-VÊNUS | PALMEIRA-SABAL |
| DRACENA VARIEGATA | |
| COSTELA-DE-ADÃO | |
| HELICÔNIA | |
-
- | | |
|------------------------------------|---------------------------------|
| CIMENTO POLIDO VERMELHO XADREZ | CASCALHINHO (GRANITO) |
| CIMENTO PERMEÁVEL AMARELO QUEIMADO | TRAPOERABA Tradescantia zebrina |
| TRAPOERABA-ROXA | INTERTRAVADO AMARELO |
| MADEIRA | INTERTRAVADO VERMELHO |
| | ÁRVORE PRÉ-EXISTENTE |

AV. REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA
 LAGE CIMENTÍCIA NA COR AMARELO
 DECK MADEIRA MAÇARANDUBA

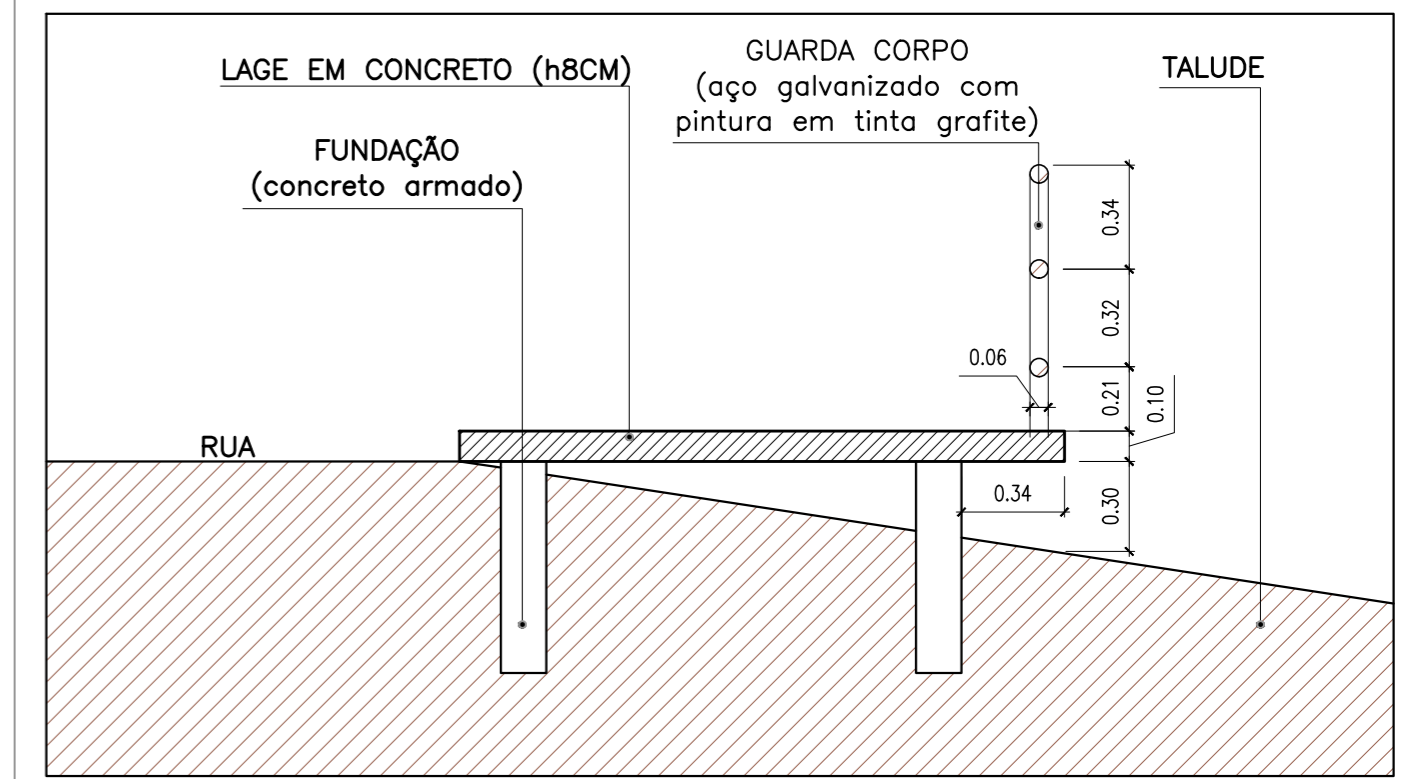
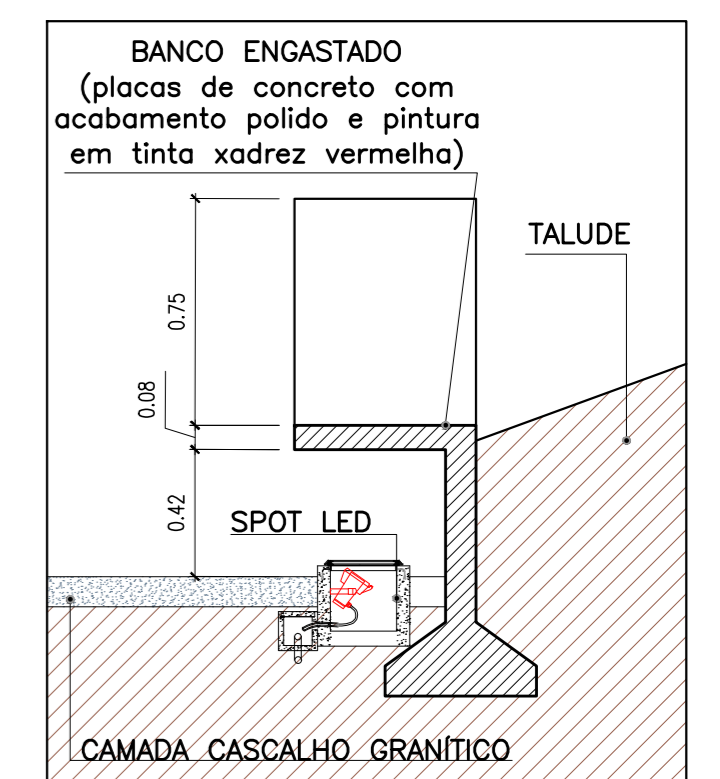
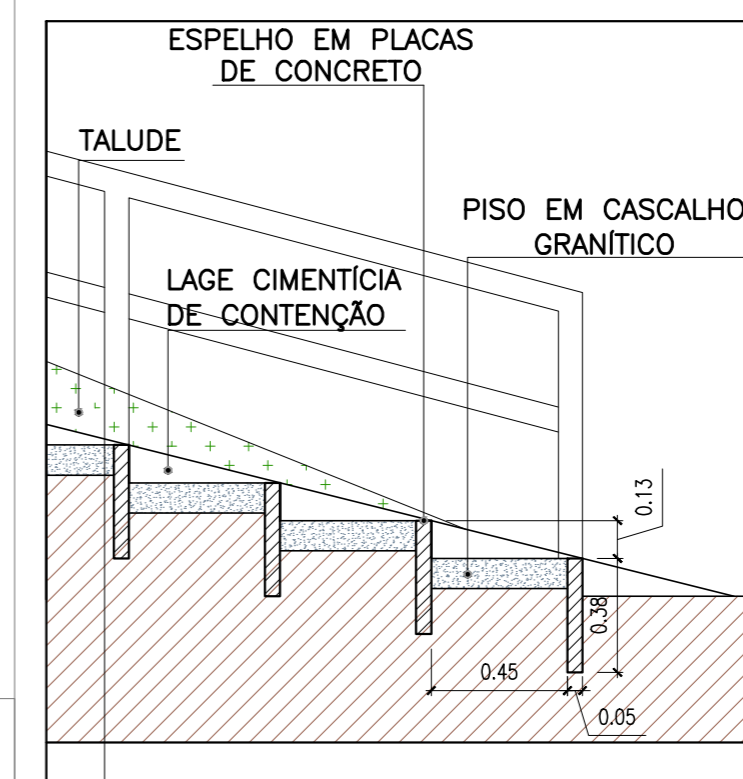
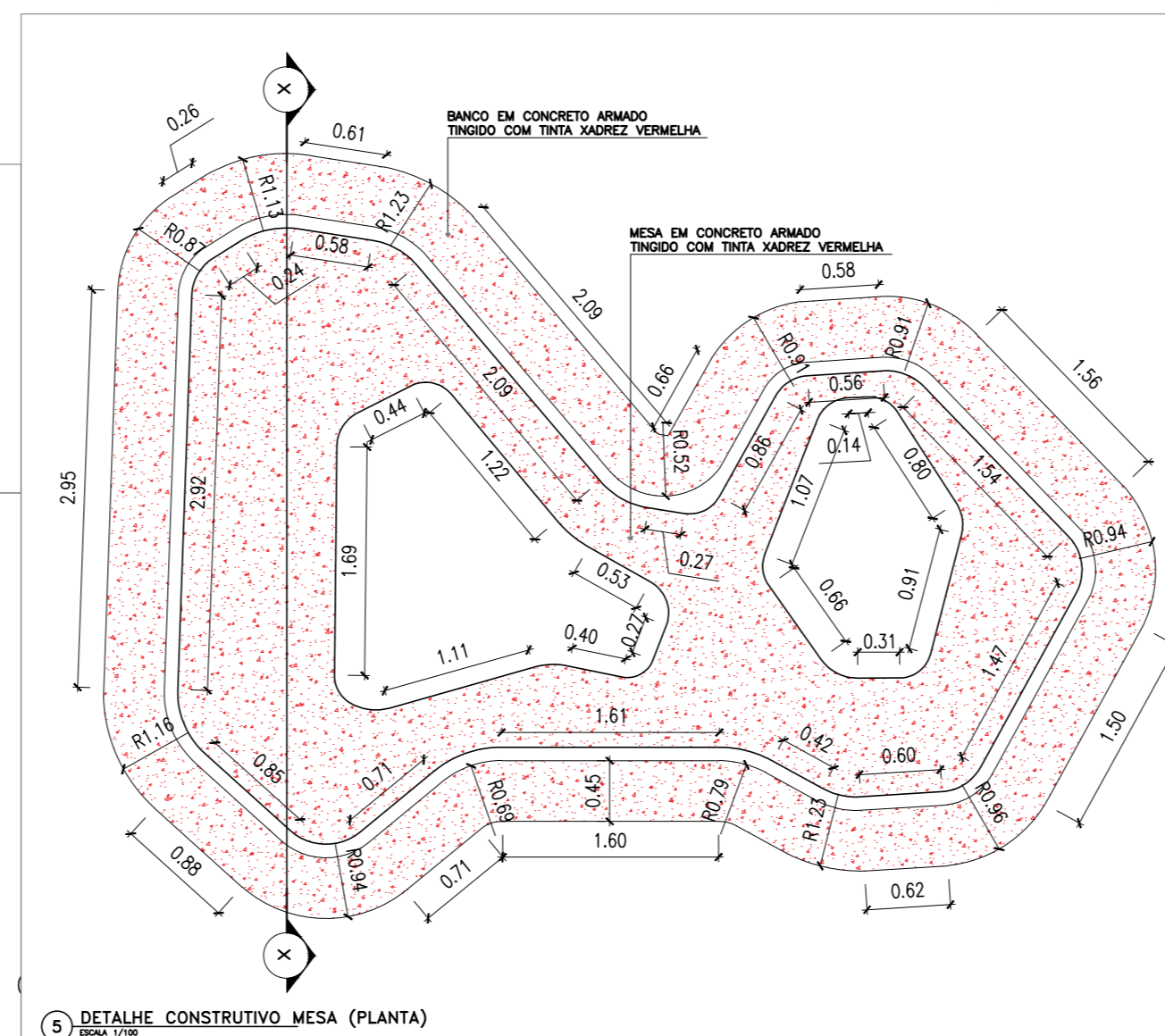
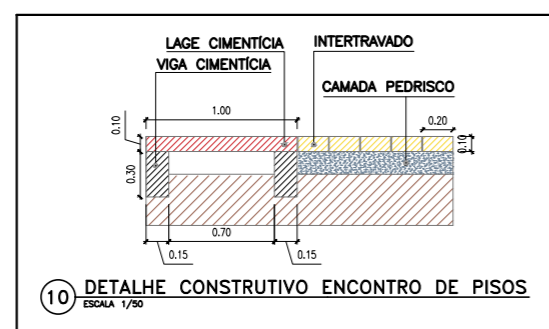
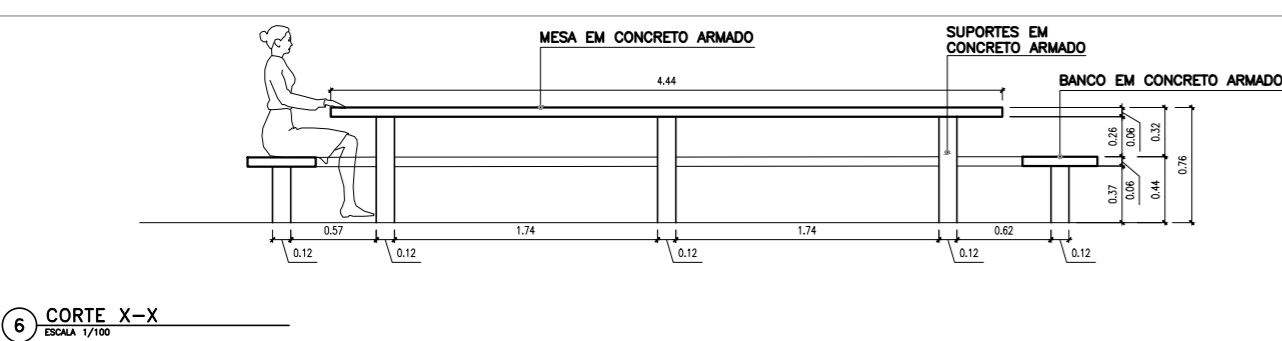
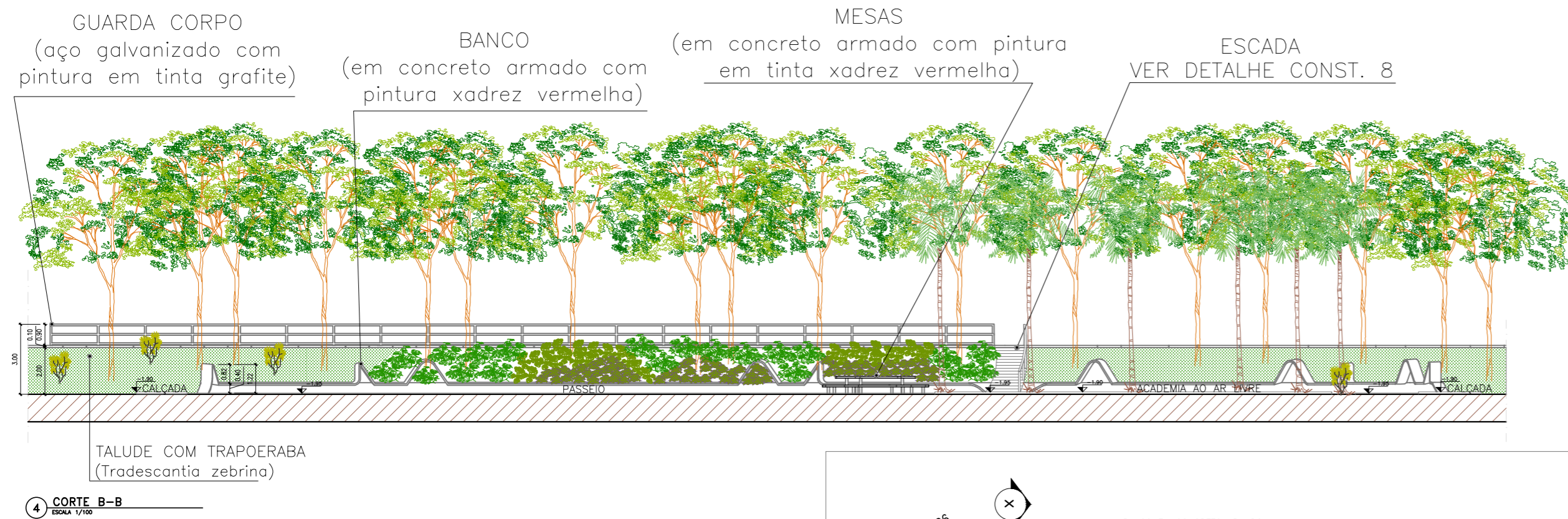
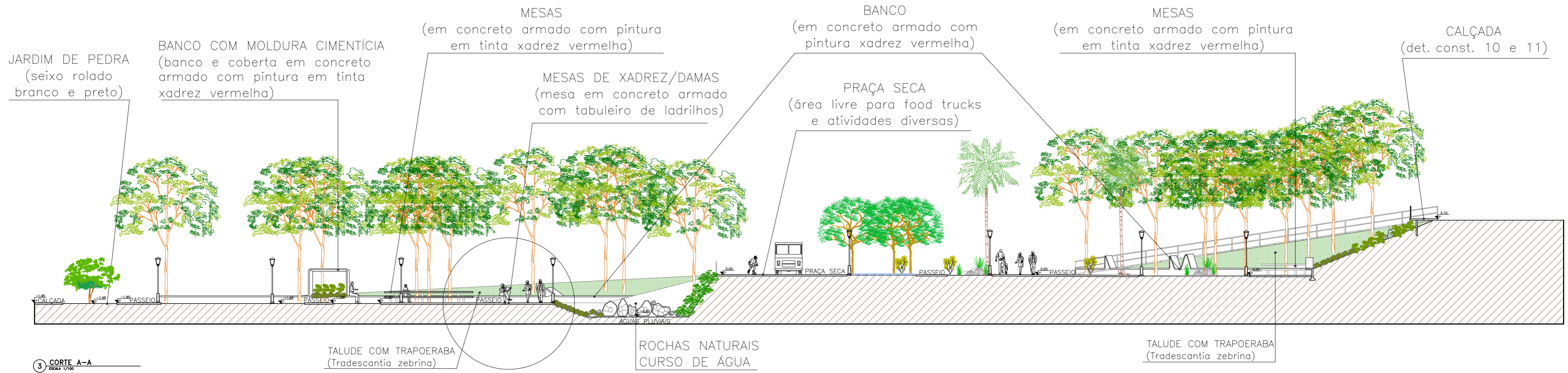
PRODUCED BY AN AUTODESK STUDENT VERSION

PRODUCED BY AN AUTODESK STUDENT VERSION



2 PLANTA BAIXA TÉCNICA
 ESCALA 1/200

FOLHA	PROJETO : PRAÇA DA GUABIRADA
02/03	ORIENTANDO : FELIPE SILVA ARAÚJO
	ORIENTADOR : PROF. MIRIAM PANET
	DATA : JULHO/2019
NORTE	DESENHOS:
	PLANTA TÉCNICA COTAS BANCOS/TALUDES COTAS PASSEIOS PRINCIPAIS
	ESCALAS: INDICADAS



FOLHA	PROJETO : PRAÇA DA GUABIRADA
03/03	ORIENTANDO : FELIPE SILVA ARAÚJO
	ORIENTADOR : PROF. MIRIAM PANET
	DATA : JULHO/2019
NORTE	DESENHOS:
	CORTES
	DETALHES CONSTRUTIVOS
	ESCALAS: INDICADAS

PISO INTERTRAVADO NA COR AMARELO

CASCALHO GRANITICO



2 PLANTA BAIXA LAYOUT
ESCALA 1/100

FOLHA	PROJETO : PRAÇA DA GUABIRADA
01/04	ORIENTANDO : FELIPE SILVA ARAÚJO
	ORIENTADOR : PROF. MIRIAM PANET
	DATA : JULHO/2019
NORTE	DESENHOS:
	PLANTA LAYOUT
	ESCALAS: INDICADAS